



Camilo D.

Retrato de Camilo Díaz

CAMILLO CASTELLO BRANCO



que honram com o trabalho intellectual o proprio nome e a
patria do seu berço.

ão intentamos aqui hoje o esboço biografico, a que tem direito o escriptor applaudido, cujas feições reproduz a nossa estampa. Falta-nos o espaço para o fazermos com a pausa e reflexão, que pede a sua feliz e variada vocação. Não nos absolvemos porém, do encargo para nós honroso de pagar mais este merecido tributo a um engenho eminente. Timbrámos, sempre, e havemos de continuar no mesmo caminho, no propósito de entrelaçar uma flôr embora com mão humilde, na viçosa coroa que cinge a fronte dos homens,

A gloria de Camillo pela indole do seu talento, e pelas gallas que ornam os seus escriptos, não carece da posteridade para assignalar com viva luz o logar elevado, que occupa. O observador penetrante da sociedade portugueza contemporanea, o pintor tantas vezes inspirado das virtudes modestas, que a ennobrecem, ou dos vicios e ruins paixões, de que ella adoece no meio das pompas luxosas do seu cortejo; o auctor de tantos quadros notaveis pela correcção e verdade das figuras, painéis que podiam ser firmados por grandes mestres estrangeiros, não deve a sua realesa, senão a si mesmo, senão a Deus, que o prendeu de dotes privilegiados, senão á perseverança, mãe de todos os prodigios.

A vida para elle tem sido educadora severa, e não amiga, ou aduladora condescendente.

Na adolescencia e na juventude, os seus primeiros passos encontraram desde logo a provação dolorosa, mas necessaria, da lucta e dos obstaculos. É d'esse tempo de combate e de silenciosas dôres o véo de tristes, que lhe cae a miudo sobre o rosto; é d'esses dias de fadiga, de provação, e de duvida pungente, que talvez date o sorriso meio sceptico e quasi desconsolado, que lhe encrespa os labios com frequencia!

Não se aprende o que elle sabe e traduz nas opulencias do seu estylo no mundo dos felizes e indiferentes. A sciencia do bem e do mal, a mais alta e a mais cruel de todas as sciencias, desde Adão, não se estuda senão no livro, sobre todos difficilimo e arduo de interpretar, o dos mysterios do coração e da consciencia.

O que deve ter custado ao homem, que nasceu para amar, sentir, e admirar o desengano das mais seductor as illusões, conhece-o unicamente aquelle que já o experimentou.

Sorrides dos poetas, da sua credulidade quasi infantil, da sua impaciente e estremosa sensibilidade, e da rapidez com que se deixavam alcançar dos tiros do infortúnio, e da ingratidão ? !

Não os condemneis de leve. O preço da imaginação, que vos enleva, da mimosa suavidade, que vos attrahe, e das invenções delicadas, que vos convidam, são as lagrimas, as incertezas, e as feridas do orgulho.

Vedes que o seu reino não é o vosso, e que o seu voo os traz por cima das alturas, que se vós affiguram as maiores montanhas; sabeis que elles conversam com o espirito do passado e com as vozes divinas, que annunciam o futuro — que são viventes — e pasmais, de que o contacto rude de mãos grossei-

ras os fira ; admiraes, que, voltando como o Dante todos os dias do mundo dos phantasmas, a sua pallidez diga aos homens os terrores e os trances da inspiração ?

Não avalieis pela rasteira prosa dos que se arrastam o martyrio dos que gemem, choram, e se cobrem dos suores da agonia no horto da meditação, aonde expiam com o calix, raso de todas as amarguras ao lado, o crime de serem reis da intelligencia, mas reis apupados, afrontados, flagellados, crucificados não poucas vezes por aquellas mesmas turbas, que arrependidas hão de trocar os ultrages e as imprecações pelo tardio canto da apoteose.

Não pergunteis, pois, a Camillo, nem aos que padeceram como elle, pelos espinhos, que se lhe foram cravando na alma á medida, que se adiantavam, ainda envoltos na anciedade e nas trevas do seu destino. Venceram ! Chegaram ! Para os que veem á superficie basta, e sobeja até. Para os que estão afeitos a adivinar na melancolia do semblante, e na gota de fel, que salpica uma phrase, os segredos das existencias consumidas e desenganadas, não é preciso dizer-lhes tudo.

A plebe dos insultadores converteu-se em sequito do triumphador ? O arco de cançado, depois de despedir umas apoz outras as setas contra elle, empenou-se, ou partiu-se ? A purpura retinta no sangue manado das feridas deu na vista ás multidões e decidiu-as a inclinarem-se ?

Louvai as maravilhas do engenho, as grandezas do pensamento, e as transformações da fortuna. Ditosos ainda os que viveram assás para não descerem á sepultura com o funesto presagio de morrerem de todo. De ordinario o sol da gloria surge tarde, e só illumina os tumulos !

O auctor do *Homem de Brios*, das *Memorias do Carcere*, e de *Aonde está a Felicidade*, não é novo nos trabalhos, nas magoas, e nas desillusões a que alludimos. Em mais de uma formosa pagina de seus livros seria facil apontar a nodoa dos prantos, ou o ardor da chaga incuravel e profunda. Mas a historia publica e intima dos homens, como elle, não se escreve senão depois, assim como a justiça inteira, e o elogio sem restricções, não se concedem senão á sua memoria. Em quanto não restituem á terra tudo o que os fez iguaes dos outros, a sua elevação opprime os mediocres, a sua voz assusta os emulos, e o seu vulto assombra as vaidades invejosas, que suppõem, que elle lhes toma todos os passos, e lhes fecha todas as estradas.

Não fallaremos, por isso, nas considerações, que havemos de dedicar á phisionomia litteraria de Camillo Castello Branco, se-

não do que elle quiz que todos vissem e soubessem. Exceder estes limites fôra por demasiada sympathy, e por indiscreta curiosidade arriscarmo-nos sobre a orla estreitissima de um precipicio. O que nos pertence é o escriptor, o moralista, o observador, o romancista, o poeta. Trataremos d'elles só, e não é já pouco para forças tão pequenas, como as que nos desanimam de sair victoriosas da empresa. O resto outros o dirão melhor á sua hora.

L. A. REBELLO DA SILVA.

D. GUIOMAR COUTINHO

— Episodio do reinado de D. João III —

I



az envolto nas densas trevas da noite o castello do nobre ancião meirinho mór do reino, conde illustre de dois condados, o sabedor e valoroso D. Francisco Coutinho, que, desde Afonso v até João III, tem sempre augmentado a gloria ao nome glorioso dos avós.

Apenas o timido reflexo de frouxa luz passa, quasi extinto, atra vez das fendas d'uma gelosia. Aquelle brilho, no grande vulto negro, é um escuso fanal, que vae guiar, nos desvios dos montes e planicies, algum desejado viandante.

Eis que o rapido galope dos gin netes eccôa nas quebradas dos oiteiros ; apenas perceptivel ao principio, depois, crescendo, de mais em mais, no breve aproximar da cavalgada. Agora já se vê o chisper das ferraduras, no cascalho da collina fronteira. São dois os caval-

leiros; transpoem velozes a distancia, e param ao pé dos muros do castello.

Abriu-se a gelosia, e assomou a ella um vulto branco e feminino, que se inclinou para os recem-chegados, como requerendo senha. Então d'entre os cavalleiros uma voz varonil e joven disse:

— João de Lencastre.

Sumiu-se o vulto, extinguuiu-se a luz, e, por algum tempo, tudo ficou em silencio e trevas. Depois descerrou-se uma pequena porta, a pouca distancia dos cavalleiros; desmontaram-se estes; e o que parecia o principal afforrado, entrou no castello.

— Vinde por aqui, D. João! — segredou-lhe uma voz feminina, ao transpor o limiar.

E o neto bastardo d'el-rei D. João II seguiu, atravez d'um longo corredor, escassamente illuminado, uma branca figura de mulher.

Esta era para o cavalleiro como apparição de fada. Nas lages do pavimento não lhe ouvia o som dos passos; apenas o aspecto elegante do vulto candido, um leve ranger de vestes, similhando o rumorejar das auras brandas na folhagem, e um delicado perfume de jasmim e violeta, eram d'ella as manifestações deleitosas, que, de amor lhe faziam arfar o coração, e com desejos lhe embriagavam os sentidos.

Chegaram a uma vasta quadra, em que ardia a escassa luz d'uma lampeda; no fundo estava fechada uma granda porta, o mais tudo ali era de negra cantaria e de aspecto magestoso e grave.

No meio da quadra os dois pararam, e a dama voltou-se para o cavalleiro.

Illuminava-lhe o rosto o pallido reflexo da lampeda.

Era bella, d'uma grande belleza até; a estatura alta e em todas as suas proporções admiravelmente desenvolvida e perfeita; alva e rosada a tez; rasgados e correctos todos os traços do rosto; o nariz aquilino; brilhantes, azues e grandes os olhos.

Mas havia na sua bocca um tanto comprimida, na sua testa espacosa, no seu olhar vivaz um não sei que de altivo e orgulhoso em que se adivinhava a frieza e a ambição desvairada da sua alma.

O cavalleiro era o marquez de Torres Novas, filho de D. Jorge, mestre de Sanctiago e d'Aviz; muito novo ainda já denotava em toda a sua estatura donairosa e na belleza viril do rosto, o caracter firme de seu espirito.

— Senhor marquez, — disse-lhe a joven dama com voz austera e commovida, — meu pai repousa no seu leito, e crê que a filha, consciencia de quem é, está a esta hora adormecida no sonno da innocencia.

— Guiomar! senhora! vossa virtude está aqui tão segura, como

se repousasseis sósinha no recinto da vossa camara. Pedi-vos que lá me recebesseis pelo affecto ardente, mas puro, que, ha mais de um anno, me devora a alma. Sabeis que, pelo fatal contracto, celebrado entre o senhor D. Francisco e el-rei D. Manoel, não podiamos conversar, não podiamos um ao outro dizer : — amo-te, em parte alguma que não fosse a deshoras aqui. Por isso com tanta instancia, com tanto amor vos implorei este momento ; por elle tudo o que posso, por elle vos dou inteira a minha vida. Em quanto á vossa honra, torno a dizer, estae d'ella segura : conhecéis a pureza e lealdade do grande affecto que vos tenho, e, ou aqui, ou na vossa camara, onde dissesse que me receberieis, juro, pela memoria d'el-rei meu avô, que vol-a respeitarei.

— E eu o creio, D. João, que sei quem sois ; sei que amor me tendes. E foi isso, além da inclinação irresistivel que sinto para vós, que me levou a prometter-vos este perigoso colloquio. Mas depois pensei, que vindo vós aqui, que entrando no meu quarto a estas horas, a minha reputação de mulher, e, o que é mais, a reputação illustre, e, ha tantos seculos, sem nodoa de todos os meus ficará eternamente perdida, deshonrada ! Vós, que sois cavalleiro fidalgo, e dos mais nobres em Portugal, pezae no vosso coração este justo receio.

— D. Guiomar, a consciencia de vossa virtude tel-a-heis na alma, a minha adaga cortará a lingua vil que vos morder na honra, e o meu sangue todo correrá para lavar a nodoa que n'ella vos fizerem.

— Tudo isso, que é grande e é nobre, não extingue porém a mancha d'um nome illustre.

— Pois, D. Guiomar, quebrae vós, occultamente se quereis, o contracto de vosso pae com o senhor rei, que vos liga ao infante D. Fernando ; é uma creancinha ainda vós sois já uma senhora.... hão de correr annos primeiro que o desposeis decidi entre nós dois.

No rosto da joven fidalga passou um clarão de alegria ; aquella proposta que esperava desde a sua primeira palavra, vinha em fim ; realisavam-se-lhos planos : toda a sua vaidade de mulher, a sua natural ambição, e tambem, diga-se a verdade, os desejos ardentes de um verdadeiro amor se apraziam com ella. O infante que lhe fôra promettido era tão moço ainda que tinha, como dissera D. João, de esperar annos para que chegasse á idade legal, e sempre na humilhante duvida se com o passar do tempo D. Fernando a quereria ou não desposar ; ora o marquez era tambem de sangue real, rico, bello e amava-a. Pareceu-lhe prudente adoptar o certo pelo duvidoso ; e além d'isso queria muito no seu joven coração ao senhor de Lencastre, portanto respondeu :

— Já decidi; mas receio que não queiraes arrostar com o desagrado d'el-rei e do senhor conde, meu pae.

— Por vós tudo arrostarei.

— Pois, senhor marquez de Torres Novas,— disse Guiomar em tom seguro, — uma derradeira pergunta.

— Dizei.

— Pela honra de cavalleiro portuguez, quereis desposar-me?

— Quero.

— Então já!

E, voltando-se para o fundo da quadra, disse mais alto:

— Abri!

Ficou altonito o mancebo vendo abrirem-se de par em par, mas sem ruido, os cancellos do portico, e a capella do castello mostrarse magestosa aos dois com todos os altares illuminados.

No meio da nave estava um sacerdote, já revestido para a veneranda ceremonia, o qual, passado um momento, disse com voz sonora:

— Vinde, filhos! para que a benção da egreja vos consagre a affeiçao.

Pouco depois, o marquez de Torres Novas e D. Guiomar Coutinho eram esposos.

Antes do sol nado, porém, os noivos separaram-se, e foi pactuado entre elles, que, para evitar a sanha d'el-rei e do conde, em quanto fosse possivel, conservar-se-hia clandestino o seu casamento.

II

Já varias vezes os campos se haviam atapetado das folhas secas do outono, desde o secreto enlace de D. Guiomar.

A regia fronte do venturoso D. Manoel já não sustentava a corôa do vasto imperio portuguez; sentava-se agora no throno D. João III, rei de infâsta memoria. O marquez de Torres Novas havia annos que batalhava com gloria nas terras africanas, mas já, mais d'uma vez, noticiára á clandestina esposa o seu proximo regresso. Chegára o infante D. Fernando á idade viril. E o novo monarca resolvêra cumprir a real promessa, que seu pae fizera ao rico e nobre conde D. Francisco Coutinho.

Partira o infante da corte com luzido séquito, e fôra hospedar-se no castello do meirinho-mór. Tudo ali traja de gala. Desfraldados nas ameias levantam-se os pendões dos parentes e amigos do conde;

e no eirado da torre de homenagem desdobram-se, a par, a real bandeira portugueza e o pendão de D. Francisco.

É que hoje hão de celebrar-se os desposorios do infante de Portugal com D. Guiomar Coutinho.

Está illuminada a capella e revestida de veludo e oiro. São muitos os convidados, todos dos mais nobres, e mais illustres cavalleiros d'aquelle época brilhante; filhos dos heroes de Marrocos e da India, e muitos que já tinham igualado ou excedido mesmo, pelos proprios feitos, a fama de seus paes. São tambem numerosas as damas, muitas jovens e bellas, e trajando ricas vestes, recamadas de pedrarias orientaes.

Todas invejam a noiva, todas queriam ser D. Guiomar, que breve será infanta, e quasi será irmã d'el-rei!

Eil-a que assoma ao portico do fundo. Como vem fascinante de belleza! na fronte, sobre um véo, a candida grinalda do noivado, e desce-lhe do niveo collo, até arrastar sobre as lages da capella, um amplo vestido de setim branco, todo bordado a oiro e matisado de perolas, esmeraldas e rubis.

Mas nada iguala a formusura altiva de seu rosto. A belleza das outras damas ao pé d'ella é, como o brilho das estrellas que se ofusca e quasi desaparece, quando a claridade meiga e pallida da lua se derrama suave no céo, e vem illuminar as campinas, pratear os rios, tudo inundar de luz, de belleza e magica poesia.

Transparece-lhe porém no rosto um secreto cuidado, um receio, medo, talvez, do que vai fazer.

Ninguem sabe, não imagina ali ninguem, que tormentosa lucta lhe combate no espirito. A ambição leva de vencida os instictos bons de seu peito de mulher; agora nem o amor, nem o receio da punição divina, nem os sentimentos de honra poderam resistir aos desejos de ser infanta, ao pensamento que ella concebeu de talvez um dia adornar a fronte com o diadema de rainha.

Estremece de prazer o joven D. Fernando ao tomar-lhe a dextra, ao conduzil-a para o altar. E derrama lagrimas de puro goso o nobre conde, vendo a filha pela mão do infante. Seus intentos de longos annos vão ser realisados. Já o seu illustre amigo o talentoso bispo D. Osorio, que veio de Silves de proposito para ali, está prestes a consagraro o vinculo indissoluvel.

Já começou a ceremonia, já o sabio prelado recitou aos noivos os dictames da egreja...

Mas, de subito, retumba no pateo do castello um tropel ingente de cavallos, o bellico retenir de arnezes e o clamoroso tanger de guerreiros clarins.

Estremecem todos de commoção áquelle fragor inexperado, e retinge-se da esverdeada cõr do medo o alvo rosto de Guiomar.

De repente, desde a porta da capella até ao altar das nupcias, abre-se entre os convidados um largo sulco, diante do marquez de Torres Novas, que, a passo rapido e firme, caminha ao longo d'elle. E assomou á entrada do templo a nobre figura de seu pae D. Jorge, e por traz em cerrada columna muitas dezenas de cavalleiros de Santiago e d'Aviz, todos armados em guerra e de aspecto marcial.

— Senhor bispo de Silves! — clamou D. João de Lencastre ao aproximar-se do altar, — sem querer commetteis uma accão sacrilega, essa mulher não pôde aqui desposar ninguem! é minha esposa!

E o marquez fa a travar de D. Guiomar, mas o infante se antepoz á dama; e o marido e o noivo, frente a frente, olharam-se rancorosos.

— Que injuria é esta senhor cavalleiro! — bradou o conde D. Francisco, arrancando da espada, — vindes a minha casa insultar-me as cãs e o irmão de sua alteza! sahi d'aqui!... que sois um mentiroso vil!

— Essa affronta vos perdôo pela edade; — tornou o marquez — velho! não sabeis o que de noite vae pelo vosso castello! n'esta mesma capella, n'este mesmo altar, e em quanto repousaveis, casei-me com vossa filha: — é minha!

— Mentes! — replicou o ancião, e caminhou para o cavalleiro, ameaçando-o.

Todos os convidados iam a travar das armas, mas o desembainhar de cincoenta espadas de Santiago e d'Aviz lhes susteve os braços.

— Senhores! — disse com voz tangente e clara D. Jeronymo, bispo de Silves — suspendei! não é isto assumpto para decidir pelo ferro. Marquez de Torres Novas, considerae bem a que vos expondes, vindo interromper assim o casamento do senhor infante, do irmão do vosso rei. Se por algum modo allucinado...

— Bispo D. Jeronymo, dou-vos a minha palavra de cavalleiro, e juro pela memoria de el-rei, meu avô, como é verdade o que vos disse!

— Basta! o nome d'el-rei D. João II não deve ser invocado em falso por um neto seu. Aos tribunaes da egreja compete julgar dos fundamentos que tendes para impedir este casamento. A mim agora só me cabe dizer que fica prohibido até sentença ecclesiastica.

Ouvindo isto, D. Guiomar caiu sem sentidos nos braços do pae, que, soccorrido de muitos fidalgos, a levou para o interior do castello.

Horas depois, o infante e o conde dirigiam-se á corte a implorar justiça d'el-rei.

III

— «... Já estou, senhor, no declinar da vida; já decorreram mais de cinquenta annos, desde a primeira vez que fui a África, e recebi o grão de cavalleiro das reaes mãos do senhor D. Afonso V, do cavalleiroso rei! Sobra-me ainda o animo, mas os trabalhos e a edade me enfraqueceram o braço. O arnez e o capacete já não são para mim, e peza-me em demasia a espada. Eis porque venho a vossos pés implorar justiça... implorar que me desaffronteis d'esta grande injuria!»

«Sois o rei de Portugal; e áquelles que no serviço do reino encaneceu a fronte, desfaleceram as forças e já não podem desaggravar-se dos insultos, sois vós que deveis desagravá-los, senhor!»

«Talvez por cubica de meus haveres, ou por unico proposito de me injuriar, se arrojou o marquez a tal commettimento. Mas no seu feito ha também desprezo da vossa auctoridade real. Se aquella affronta vae desvanecer o lustre da minha coroa de conde, ella marea tambem a vossa coroa de rei; e, mais que tudo isto, é desaire á memoria gloriosa de vosso magnanimo pac.»

«No seu tempo, no tempo em que imperava aquelle grande espirito, não se arrojou o marquez a aventar uma tão insolita pretensão. A palavra d'el-rei existia, era o contracto publico, e ninguem ousava contrariar-o. Agora que o sabio monarca desceu ao tumulo, e que vossa alteza,inda mancebo, occupa o seu lugar, é que se declara impossivel a promessa do senhor rei D. Manoel!... Não será isto offendere a sua memoria? — não será de algum modo menoscabo á vossa real pessoa, por occultar o pensamento, de que a verdura dos annos vos não dará a força ainda, para reprimir e castigar a prepotencia e o insulto dos vassallos? — e não será finalmente offensa directa á coroa do monarca, pretender um subdito tomar para si a mulher prometida ao irmão d'el-rei?»

«Justiça, senhor, justiça! para que não me arrependa de ter vivido até hoje, para que a deshonra não caia sobre as minhas cãs, para que a palavra de el-rei D. Manoel não seja despresada!»

Foi assim que n'uma das mais sumptuosas salas dos paços da Ribeira, D. Francisco Coutinho, de joelhos, fallou a el-rei.

O nobre ancião, com sua voz commovida, quasi lacrimosa e o gesto apaixonado, repassou de amargura a alma branda do monarca. Ouvia-o este, rodeado de validos ambiciosos e de frades dominados de cubica e orgulho. O embaraço desenhava-se no seu rosto cheio e não desagradavel, nos seus grandes olhos azues escuros.

O facto em si não era novo, nem o unico do tempo, solto de costumes; mas aquella offensa á corôa, aquelle velho ali requerendo justiça, e os infantes D. Luiz e D. Fernando julgando-se agravados, e intercedendo pelo conde, e, principalmente, aquella dependencia dos tribunaes ecclesiasticos em que o bispo de Silves tinha posto o negocio confundiam o espirito do rei, e tornavam-lhe difficil a decisao, que urgia.

Depois do velho fidalgo fallaram os dois infantes, e D. Luiz só ficou silencioso, quando viu que as suas phrases violentas calavam no animo do real irmão.

O enleio porém de D. João III continuava, e só depois de ouvir a opiniao adversa ao marquez de muitos do conselho, é que disse com voz morosa :

— Conde, sempre fostes um servidor leal, e desde muito, o foram todos os vossos; os paes da maior parte dos fidalgos presentes, receberam com vosco o grão de cavalleiro, sobre o cadaver de vosso irmão, morto com tanta gloria na tomada de Arzilla; todos pois vos respeitamos; e a honra que meu real pae, que santa gloria haja, vos prometteu fazer, eu a cumprirei, se tanto couber no poder que recebi de Deus. Sabeis que em materias de matrimonio impera sobre a nossa a jurisdicção do santo padre de Roma e as disposições dos canones. O bispo de Silves avocou para a egreja a decisao do pleito; aguardemol-a, e eu a farei cumprir; é tudo que posso fazer, quanto ás nupcias, n'este negocio grave. Mas para desaggravio da affronta, que o marquez de Torres Novas vos fez, expondo tão insolitamente o seu talvez falso, direito, punil-o-hei com rigor; é assaz para isso o poder do sceptro; e, apezar da juventude de meu braço, provar-lhe-hei, que a espada da justiça me não treme na dextra!

Ao terminar el-rei estas palavras, entrou na vasta sala o marquez de Torres Novas; levantou-se entre os cortezãos um ruido, simulando indignação, e todos se affastaram do cavalleiro, como ferido, que estava, do desagrado real.

D. João de Lencastre olhou-os com desprezo, caminhou gravemente até chegar a distancia respeitosa de el-rei, e então disse com dignidade e vehemencia :

— Nem eu pensei jámais que o sceptro de Portugal tremesse na mão de rei portuguez, senhor; que não é a mão que dá vigor ao sceptro, é o sceptro que robustece a mão. Mas todo o seu poder está na justiça, que é a vontade summa do Rei de todos os reis, do Rei de todos os povos; aquelle monarcha da terra, que se affasta dos preceitos divinos do Monarcha do céo, deixa de empunhar o sceptro da justiça, o sceptro de verdadeiro rei; já não ostenta na dextra o baculo do pastor, mas sim o azorrague do conductor de escravos ...

D. João III, encostado ao dourado espaldar do throno, estava sufocado de colera, não fallava, porque lh'o impedia a raiva. N'aquelle época do maior despotismo, as palavras do marquez eram de inaudita ousadia. A indignação dos infantes e cortezãos subira ao seu auge; mas ninguem se atrevia a fallar onde estava el-rei.

O neto de D. João II continuou :

— Ordenou Jesus Christo que o homem tivesse uma só mulher, a mulher um só marido. Será expulso da cumunhão da egreja aquelle que attacar este preceito ; eu esposei D. Guiomar Coutinho, quem se atrever a dar-lhe outro esposo — será excommnngado ! Expuz os meus direitos a tempo de evitar um sacrilegio ; a isso chamais, senhor, uma affronta á vossa auctoridade real, e por isso me quereis punir. Castiga vossa alteza o que devia agradecer. Ides contra as leis do céo ; n'este caso pois o vosso sceptro, já não é symbolo de justiça, nem baculo de pastor, — é instrumento de iniquidade !

Rebentou por fim a colera d'el-rei.

— Regedor das justiças ! — clamou elle, — encerrae este homem nas prisões do castello, e que seu pae e todos os seus saíam da minha corte !

IV

Já repousa sob as lages da capella o conde D. Francisco ; pendavaia da parede a sua velha armadura, que em tantos annos de gloria lhe encerrou o coração valoroso, rico de sentimentos de honra e pundonoroso brio ! Era o ultimo soldado de Affonso V, o ultimo representante das idéas generosas dos antigos cavalleiros !

Com elles desceu á campa, repassado de amargura o coração. A patria, a filha, a honra da familia, tudo lhe doía na alma.

Aquelle vigor, aquellas mil aspirações grandiosas que tinha visto em Portugal, ao entrar na vida, estavam cançadas agora do triumpho, sem alento, ou extictas mesmo ! A prosperidade publica decahira : o oiro da India, o redito immenso do seu commercio, os impostos crescentes do povo, nada podera resistir ao fausto maravilhoso da corte de Manoel, e ao luxo desenfreado, e sempre em augmento, da de João III.

A corrupção e a avareza tinham-se apoderado do reino. A religião de Christo era nos labios de quasi todos uma blasphemia ; e o fanatismo imperava tyrannico e sem freio.

A estes males da patria juntava-se, para magoar o cavalleiro, o pleito em que pendia a honra da filha, da unica vergontea de tantas gerações illustres. Havia nove annos que via discutir a união clandestina de D. Guiomar.

Assim ao baixar á campa, mais pesavam ao ancião as magoas que os oitenta annos de trabalhosa vida !

Povoou-lhe de espinhos o sepulcro a ambição da filha, que, vendo o infante a requestal-a, não pôde resistir á tentação de o esposar. Não se curvou ella ante a declaração do seu anterior casamento ; pelo contrario, o orgulho, um pundonor mal entendido, a ambição desvairada a instigaram até agora a se dizer solteira.

Cançou-se D. Fernando com a morosidade do processo. É el-rei que porfia em cumprir a promessa de D. Manoel.

Não bastam para decidir a causa as provas apresentadas pelas partes. E agora que é morto o conde pareceu ao rei que mais desassombradamente poderia D. Guiomar revelar toda a verdade. Por isso mandou aos juizes clérigos que fossem interrogal-a. E pende da sua resposta o julgamento da acção.

Eis a filha dos Coutinhos na sala principal de seus paços. Traja de luto : um longo vestido de veludo preto, que lhe aumenta o aspecto magestoso. Destaca do negro da roupa a brilhante alvura do voluptuoso collo e a belleza, ainda grande, de seu rosto, fascinador outr'ora.

Acompanham-na muitas damas da corte, que todos crêem na pureza e innocencia de D. Guiomar.

Estão á espera dos ecclesiasticos enviados por el-rei. E é grande a commoção e impaciencia de todos, que vae decidir-se ali a honra d'uma das mais gradas familias do reino.

Quando os clérigos entraram, havia já largo tempo que todos em casa os aguardavam. Eram muitos, uns das varias ordens do reino, outros conejos do arcebispado de Lisboa.

Tomaram assento nos logares que na sala lhes estavam reservados, e, depois de curto silencio, o mais velho d'entre elles disse com solemnidade :

— Nobre senhora D. Guiomar Continho, enviou-nos aqui sua alteza, para que nos respondaes sem constrangimento algum, nem da honrada memoria de vosso pae, nem do desagrado d'el-rei, nem do senhor infante, — se sim ou não contrahistes clandestino matrimonio com D. João de Lencastre, marquez de Torres Novas ?

E a orgulhosa dama, com a fronte levantada, só um tanto mais livida a pallidez do rosto ; — disse com voz segura :

— Dizei a el-rei, meu senhor, que jámais constrangimento algum obrigou a mentir uma filha dos Coutinhos. Hoje repito o que ha nove annos digo : — nunca desposei o marquez de Torres Novas.

— Em nome de Deus, assim o juraes, senhora ?

— Assim o juro. — Terminou com arrogancia a dama.

Retiraram-se os juizes ecclesiasticos a um camarim, e, pouco de-

pois, voltando, leram uma sentença, pela qual se auctorisava o casamento do infante D. Fernando de Portugal com D. Guiomar Coutinho.

Despiu esta as tristes roupas luctosas; revestiu-se todo o castello de gala; e illuminou-se pela noite. Foi explendido nas salas o saráo dos fidalgos, e nos jardins e nos pateos, baillaram, muitas horas, todos os mancebos e donzellias do condado. Reinou pois o regozijo na mansão prostituida.

No dia seguinte chegou da corte o infante. E horas depois, o jovem irmão d'el-rei esposava D. Guiomar, a adultera.

N'esse mesmo dia embarcava para a India, como simples cavaleiro, o bisneta de D. Affonso v, D. João de Lencastre, marquez de Torres Novas.

Mas a immensa e inexoravel justiça divina pesou, constantemente, sobre a união sacrilega

Os dois primeiros fructos do nefando enlace morreram logo ao desabrochar na vida.

Uma linda menina apenas logrou sahir do berço. Era o enlevo dos pais; durante o dia, orgulhosos e alegres, viam-na correr com suas azas de oiro e seda, doida como a borboleta, de flor em flor pelos jardins; á noite iam ao pé do leito em que dormia, extasiar-se ante o seu rosto, illuminado por aquelle sorriso angelico que tem as creancinhas, quando em sonhos conversam com os anjos.

A menina esclareceu por um instante o céo da familia; o infante avistava um firmamento brilhante de felicidade nos olhos formosissimos da filha.

Uma manhã porém ao levantar-se, estando na villa de Azinhaga, disse para os fidalgos que o vestiam:

— Tive esta noite um sonho singular, vi sahir de meus paços de Abrantes tres tumbas, todas cobertas de negro...

No dia seguinte chegou-lhe a noticia de ter fallecido a filha; — correu a Abrantes para chorar nos braços da pretendida esposa, e, querendo no fogo voluptuoso do seu seio enhugar as lagrimas ardentes que lhe inundavam o rosto, só deixou cahir sobre o peito da amante a cabeça inerte d'um cadaver; — e ainda não eram passados

trinta dias já a lagea fria do sepulchro pesava sobre o coração da filha dos Coutinhos.

Extinguiu-se nos tres aquella tão illustre geração de heroes.
E, durante seculos, as abandonadas ruinas do castello attestaram
o crime de D. Guiomar.

BERNARDINO PINHEIRO.

LEITURA SOBRE ASTRONOMIA¹

O SOL

Tu règnes en vainqueur sur toute la nature,
O Soleil ! et des cieux, où ton char est porté,
Tu lui verses la vie et la fécondité.
Le jour, où séparant la nuit de la lumière,
L'Éternel te lance dans ta vaste carrière,
L'univers tout entier te reconnaît pour roi ;
Et l'homme, en t'adorant, s'inclina devant toi.

Mais ton sublime auteur défend-il de le croire ?
N'est tu point, ô Soleil ! un rayon de sa gloire ?
Quand tu vas mesurer l'immensité des cieux,
Ô soleil ! n'est tu point un regard de ses yeux ?

LAMARTINE.



ue deslumbrante prodigo de luz
é esse, que rolando em fogo atra-
vez das regiões ethereas, ahi des-
creve as curvas magestosas que
determinam o dia sobre a terra,
alagando-a de vida, dilatando de
animação tudo o que sente?!

À suavidade dos seus primei-
ros raios, dissercis que se enfei-
ta tudo o que ha de bello e sym-
pathico na natureza : estreme-
cem de frescura os arvoredos,
palpitam e rescedem de perfume
as flores, precipita-se o murmúrio
das aguas alegres, espanejam-se e cantam
as aves, acorda a mulher... pensa, e sorri.

Na incandescencia da sua chamma, nas horas calmosas da maior al-
tura a que se eleva, quando parece retardar a carreira—de cançado, des-
ce a languidez sobre a terra. Pendem os ramos, e as folhas desfalecem.
Fláccidas se desenrolam em desalinho as flores. Escondem-se e calam-se
as aves que trinaram o hymno da manhã. Encosta a face á mão e recli-
na-se a mulher, vencida pelo magnetismo que lhe accende a formosura,
e que do olhar aveludado se entorna em fluido de fascinação para o ho-

¹ Continuada do n.º 2 do 3.º vol.

mem. Orvalhado de perolas — que lhe realçam a neve immaculada das pennas — corre o cisne sobre o lago voando para a companheira, que o espera timida — mas fremente — no abrigo dos salgueiros. No exilio do deserto, o leão, terrível até no amor, sacode a farta juba que o affronta, ergue a cabeça pavorosa, escuta, solta um rugido — que de echo em echo da solidão vai sobresaltar a leba que o intende — e caminha, bello de fereza, para a caverna. Tudo o que vive parece comprazer-se na sombra voluptuosa d'um terno desmaio, cujas delícias se envolvem em silencio misterioso.

Mas, á diminuição gradual dos ardores d'esse astro, na sua descida ao horizonte, ao passo que a luz se lhe ameiga, do mórbido sonho d'amor acorda tudo triste — como para uma despedida implacável. A esperança de bem curta separação não tem força para dissipar a pena. Elle ahi roça um momento a superficie túmida das aguas do oceano em cujo seio parece immagrir-se: similhando um globo de metal abrasado, cambiante de luz e cõr na transição para o esfriamento, derrama a portentosa imagem por ondulações vastíssimas de oiro e cobalto líquidos. O incendio offuscante que cegou o atrevido e infeliz Gallileu, é agora apenas um doce clarão que alumia suavemente. Desapparece em sim. Ai! quantos o não tornarão a ver! Innunda-se a terra das tintas da melancolia crepuscular. Vem a noite: é a saudade da natureza. A alegria é a volta do prodigo, e a sua mais prolongada presença. A tristeza profunda, o desconforto é a sua curta demora nos ceos durante o inverno taciturno. O sorriso é a primavera. As riquezas o verão e o outomño. Todas as fases da natureza d'elle dependem!

Astro do calor e da vida, não entra nas regiões do frio e da morte. Nas solidões glaciaes dos polos, onde parece haver-se petrificado em vagas tumultuosas de gelo um oceano em tempestade; plagas do ruido fragoroso a que succede o silencio absoluto, solemne, e tetrico do deserto frio; onde não ha um ser humano, o astro criador appare receioso, mostrando só meia face durante 24 horas. Destaca-se depois até uma certa altura, mas descreve todos os diás um circulo paralelo ao horizonte. Se ha alli um dia de 6 mezes, ha tambem uma noite de igual duraçāc. N'esses confins agrestes e inacessiveis do globo terrestre, cujos eccos sinistros só acorda o estampido medonho das moles de gelo — precipitando-se umas sobre outras, — com quanto a luz do sol produza effeitos opulentos pela esplendida refracção da neve, é frio o aspecto do astro. Na ausencia d'elle, as tempestades polares repetem as tormentas do cahos.

Mas vede agora, senhores, prodigios de outra ordem que nos devem fortalecer mais no peito a nossa crença religiosa.

Espira o Divino Martyr, pregado á cruz da abnegação redempto-

ra da humana culpa. A sublime doçura de Jesus implora, no extremo alento de homem, a clemencia do Eterno Pai para os seus verdugos: *perdoai-lhes, Senhor, porque não sabem o que fazem*—articula dos labios lividos pela tortura, crestados pelo fel que lhe deram a heber!—E não sabiam, em verdade. Na convulsão da natureza ao consummar-se o sacrificio insondável, o astro da vida revela a sua dor enluctando-se: o véo d'eclipse total tolda-lhe por 3 horas, à face da terra inteira, o rosto luminoso! A sciencia não explica este singular fenomeno. Foi milagre. Abalou-se o universo na agonia d'um Deus. O Omnipotente affastou a vista do sacrilegio inaudito: apagou-se o facho celeste, raio dos seus olhos!¹

Que astro poderoso é este pois, senhores, que alumia, aquece, gera, domina, e transmite o pensamento do Supremo Creador ao universo attonito!? *Facho do mundo* lhe chamou Copernico. *Coração do universo* o appellidou Theon de Smyrna. É *fogo puro* como julgava Anaximandro? É *carro cheio de fogo ardente que se escapa por uma abertura circular*? É *pedra inflammada* como supunha Anaxagoras? *Accende-se de manhan e apaga-se á noite*—segundo Epicuro? *Innunda-o um oceano de fogo, com seus movimentos tumultuosos, abyssos, e escólihos*—como queria Scheiner? *Involve-o uma atmosphera sujeita a gerações e corrupções similhantes ás que nos apresenta a atmosphera terrestre*—como imaginava Huygens?² Obedece elle ao movimento diurno como se nos afigura? E se é real esse movimento, será o unico? Qual constituição fisica, que dimensões são as suas? A que distancia está de nós? Será habitado? Haverá outro astro nas mesmas condições em algum ponto dos céos infinitos?

Vejamos o que elle é, admittindo por ora que gira em volta da terra, pelo movimento apparente da esfera celeste.

Sabe-se hoje que o sol é um corpo solidó opaco, cercado d'uma

¹ Eis o que sobre este objecto se lê em Arago:

O jesuita Scheiner explicava pelas manchas que se notam no sol o eclipse total que teve logar no momento da morte de Jesus Christo. Mas Scheiner só queria substituir um milagre facil a um difícil—o que se não pôde discutir com seriedade.—A escuridão foi completa em toda a terra, e durou perto de 3 horas. Nada mais era preciso para riscar este eclipse do numero d'aquelles que no decurso dos seculos dependeram de causas naturaes. Um eclipse, quando é produzido pela interposição da lua, não pôde ser total senão dentro dos limites d'uma zona muito estreita da terra, e n'essa mesma zona a obscuridade só dura muito poucos minutos. Além d'isso, por occasião da morte de Jesus Christo, a lua estava proxima de ser cheia, e quando a lua eclípsa o sol é necessariamente nova. O eclipse da Paixão foi pois effeito d'um milagre.

É singular, digo eu agora, que Scheiner fosse jesuita.

² O que ahi apparecer de erudição pertence a Arago principalmente. São isto simples excepções dos bons livros.

atmosphera luminosa chamada *photosphera*, da qual—para resguardar o nucleo—é separado por outra *atmosphera nublosa*—similhante a uma tempestade eterna—, e terminando em uma terceira *atmosphera diafana*. Conhece-se hoje tambem a natureza da luz que se erradia da *photosphera*: não é refrangida, mas sim emitida—não por corpo sólido ou líquido, mas por um corpo gazoso.

Huygens, no *Cosmoothéros*, diz que seriam precisos 765 milhões de estrelas iguaes a *Sirio* (a mais brilhante de todas ellas) para darem uma luz igual á dô sol. Este astro, transportado a 425:000 vezes a sua distancia á terra, seria mais luminoso que uma estrella de primeira grandeza—diz Lambert. O fulgor do sol está para a claridade d'uma estrella d'essa ordem na relação de 108:000 milhões para 1. Segundo as experiencias de Wollaston, a luz do sol é 200:000 milhões de vezes a de sirio. A luz electrica, a mais forte que se tem podido produzir, é comparavel á do sol: varia, segundo a força da pilha-voltaica empregada para a gerar, entre a 4.^a e 5.^a parte da do astro.

O sol abrange no espaço proximamente $\frac{1}{4}$ gráo em todos os sentidos. 720 sóes tangentes entre si completariam o contorno d'um círculo maximo da esfera celeste. ¹ A sua distancia média á terra (está mais perto de nós no inverno!) é de 23:984 raios terrestres. ² Se o centro do sol coincidisse com o da terra, o seu volume abrangeeria a orbita da lua e outro tanto além. D'aqui se pôde avaliar a sua immensa grandeza. E Anaxagoras julgava-se atrevido em suppor que o sol devia ser tão grande como o Peloponneso!

Todavia, este prodigioso astro é pouca coisa no universo. Não é mais que uma estrella entre as innumerias que povoam o espaço. Pov Ventura faz elle parte d'uma *nebulosa*—origem do aspecto illusorio da via-lactea.—No *Epitome* de Kepler lê-se: é possível que o sol não seja outra coisa senão uma estrella fixa, mais brilhante a nossos olhos só pela proximidade, e que as outras estrellas igualmente sejam sóes cercados de mundos planetarios. Já assim o ensinaram Heraclido e outros filosofos da Alexandria.

Teem sido vistas, e mil vezes observadas, *manchas negras*, irregulares, mais ou menos extensas ³ na superficie do sol. Muitas theorias se teem imaginado para explicar estas manchas. Uns supzeram que toda a massa solar se achava em estado de incandescencia, e que elles eram escórias fluctuantes. Outros que no sol havia montanhas,

¹ Nos limites em que a tomâmos, e dividida a circumferencia em 360 gráos.

² 38 milhões de leguas francesas. O volume do sol é 1:400:000 vezes maior que que a terra.

³ Schräter mediu uma mancha, que occupava no sol uma extensão superficial 16 vezes maior que a terra.

submersas n'um oceano de fogo, cujo nível baixando de tempo em tempo lhes deixava os cumes a descoberto. Derham julgava que elas eram sempre efeitos de erupções vulcânicas: o fumo e as escórias projectadas constituiam a mancha, a apparição mais tardia das chamas e lavas incandescentes dava origem ás *faculas*.¹ Os ultimos peripateticos, que em Astronomia professavam a incorruptibilidade dos céos, asseguravam que as manchas eram sombras—projectadas sobre o disco do sol pelos satellites, que giravam em torno d'elle.—Gallileu porém, demonstrando que as manchas não podiam ser protuberancias, e fazendo conhecida a existencia das faculas, provou o erro d'essas explicações. A theoria hoje seguida é fundada na hypothese de Wilson, modificada por W. Herschel: que as manchas são aberturas (excavações segundo Wilson) no invólucro nebuloso e luminoso do sol, atravez das quaes se vê o corpo escuro interior, geradas por correntes d'um fluido elastico—que d'este se eleva ás altas regiões da sua atmosphera.²

As observações sobre o movimento d'estas manchas levaram á descoberta da forma esferica do sol, e do seu movimento de rotação sobre o centro. Parece que a João Fabricio, astronomo hollandez, se deve o conhecimento definitivo d'este movimento. A sua duração apparente é de 27 dias e meio, a real é de 25^d,34—segundo Langier.—

O sol é coberto de rugosidades, que se podem comparar ás que apresenta a casca d'uma laranja. Não tem brilho uniforme a superficie d'este astro: é mosqueada de luz e sombra.

Alguns filosofos da antiguidade pensavam que o sol podia ser habitado. Herschel acreditava-o. Arago diz que nada se oppõe a que d seja, visto que o nucleo central obscuro está separado por uma atmosphera opaca da atmosphera incandescente. Houve astronomo que fez largas considerações sobre a felicidade dos habitantes do sol, alumiados e aquecidos sempre pela sua atmosphera incandescente, admirando o espectáculo da criação atravez das aberturas, que nós, da terra, tomavamos por um montão de escórias negras.

¹ Malhas luminosas, mais claras que o resto do sol, e que substituem quasi sempre as *manchas negras*. Ha, sobre este objecto, e ácerca da superficie do sol, muitas particularidades a considerar que aqui não vão, taes como *lúculas*, *nucleo*, *penumbra*, etc. Não é compativel ao fim d'este esboço entrar nas minuciosidades de tão vasta materia, nem explicar os meios porque se chegou ao estado actual dos conhecimentos na scienzia. É a exposição do que se sabe de mais importante, da maneira mais simples que poderá ser.

² Sobre a influencia das manchas negras solares nas temperaturas terrestres é curiosissimo o resultado, deduzido da taboa das manchas solares de Schwabe comparada com a tabella official dos preços medios annuaes de trigo. Em Pariz, durante o periodo de 1826 a 51 inclusivè, divididos os 26 annos em grupos de 5—sendo o ultimo de 6—os grupos d'aquelles em que as manchas do sol foram mais numerosas, o pão mais caro, e a temperatura mais baixa, correspondem aos annos de mais chuva; e os de menos manchas, pão mais barato, e temperatura mais elevada, aquelles em que choveu menos. *Extracto de Arago—Astronomia Popular*.—

Resta-nos fallar, antes de expôrmos os movimentos do sol, do que se chama *luz zodiacal*, fenomeno que se observa em certas estações — principalmente no equinocio da primavera — antes do nascer e depois do esconder do sol. É um clarão fraco, comparavel — quanto á transparencia e cõr — á cauda d'um cometa. Tem a forma d'uma ellipse ou d'uma lúnula muito allongada. Segundo Euler, a materia que a produz cerca o sol, sem o tocar, em forma d'annel como o de Saturno. Antes de Laplace, a opinião mais seguida era de ser este fluido a propria atmosphera do sol. Laplace diz que ella é composta das partes mais subtis da nebulosa primitiva que deu origem ao sol. Mairan attribuiu-lhe a causa das auroras boreaes: e de facto, a materia que origina a luz zodiacal chega á orbita da terra e entra na atmosphera terrestre. Mas é fenomeno ainda não explicado satisfatoriamente.

Passemos ao *movimento proprio do astro*.

Se de manhan, em condições possiveis de crepusculo, observarmos uma estrella das que andam na carreira do sol, veremos nos dias seguintes que este — ao nascer — vai ficando mais distante d'ella; e se lhe notarmos a posição relativamente a uma estrella que se esconde um pouco depois d'elle, acharemos que o intervallo das duas desaparições vai diminuindo; e que — 25 ou 30 dias mais tarde — torna a aparecer essa mesma estrella no oriente antes do nascer do sol. Ora, sendo invariaveis os pontos em que nascem e se occultam as estrellas (como uma longa experientia tem verificado), segue-se que o sol deve ter um movimento proprio em sentido contrario ao movimento diurno, isto é — de occidente para oriente. — Desde 21 de junho a 21 de dezembro, os pontos em que nasce e se oculta este astro tornam-se cada vez mais austraes; e pelo contrario mais boreaes, de 21 de dezembro a 21 de junho. Estas consideraveis mudanças vieram ainda provar mais evidentemente o movimento proprio do sol; e por elle fica explicada a razão por que muda, e se renova com as estações o espectaculo dos céos durante as noites.

Referindo ao plano do equador as diversas posições do sol que o approximam de um ou outro dos polos, e que, segundo o hemisferio em que se observam tomam o nome de declinações *boreaes* ou *austraes*, o minucioso estudo d'estas e outras circunstancias determinou os dois movimentos particulares — um perpendicular e outro parallel ao equador — cuja resultante é a ellipse que o sol traça á roda da terra. D'este modo, se achou que o sol se move n'uma orbita (*a ecliptica*), cuja obliquidade sobre o equador é actualmente de $23^{\circ} 27' 30''$. Esta obliquidade não é constante, varia de menos de $\frac{1}{2}$, segundo por anno: pôde avaliar-se a sua diminuição secular em

148'' — diz Laplace. O plano da orbita chama-se *plano da ecliptica*, porque a posição do sol e da lua relativamente a elle é que determina os seus eclipses.

O sol, ao passar do norte para o sul do equador, e vice-versa, toca necessariamente o plano d'este circulo. A 23 de setembro (*equinocial do outono*) atravessa-o elle vindo do norte para o sul. D'este lado as suas maximas declinações teem logar por 22 de dezembro, e vão diminuindo depois — approximando-se o sol de novo ao equador — até que a 21 de março (*equinocial da primavera*) o toca; passa além, e chega á declinação de maior valor por 21 de junho. D'ahi em diante decrescem as declinações até 23 de setembro. As diferenças entre as maximas declinações sendo insensiveis durante alguns dias, o astro parece estacionario; razão porque se chamou *solssticio de inverno* ao ponto da maior declinação austral, e *solssticio de verão* ao da maxima declinação boreal. *Perigéo* e *Apogeo* são os pontos em que o sol se acha mais ou menos proximo da terra.

Estamos pois agora em circunstâncias de explicar — por meio d'este giro invariavel do sol no céo — a causa por que este astro não avança mais para o norte; o que os antigos — por ignorancia — atribuiam a ventos violentissimos que sopravam d'aquellea região profunda.⁴

Chegado o sol ao equador, descreve-o no seu movimento diurno; e como qualquer horizonte divide este circulo em duas partes iguaes (pois conterá o eixo do mundo) segue-se que o dia é igual á noite em toda a terra.

Nas regiões equatoriaes os dias são sempre iguaes ás noites, por quanto o horizonte divide em duas partes iguaes todos os parallellos descriptos pelo sol.

D'ahi em diante, crescendo sempre — pelas declinações do sol — o arco visivel dos parallellos que elle desereve, aumenta a duração dos dias, até que o astro chegue á sua maior altura. Ahi toma o parallello o nome de *tropico de verão* ou de *cancer*, em que tem logar o maior dia do anno. Analogamente, *tropico de inverno* ou de *capricornio* corresponde ao minimo dia para nós.

Mais perto dos polos, nos solsticios, a duração da presença e ausencia do sol excede a muitos dias e até a mezes.

Nas regiões polares, o sol conserva-se seis mezes abaixo e seis mezes acima do equador — que é o horizonte dos polos — e por consequencia, ha alli um dia e uma noite de seis mezes. Mas não é profunda a escuridão de toda essa noite. Além do crepusculo do sol, que a alumia em quanto não desce 18 gráos abaixo do horizonte —

⁴ Isto é dito com referencia ao nosso hemisferio. Para o outro, conclusões analogas.

a lua presta-lhe o seu clarão na ausencia d'aquelle astro. E a intensidade do crepusculo deve ser maior que em qualquer outra parte, por causa da diminuição rapida da densidade do ar, causada pela congelação habitual da superficie do terreno. A 21 de março e 23 de setembro, dias em que o centro do sol coincide com o equador, a metade d'este astro será constantemente visivel durante vinte e quatro horas. Singular transição do unico e longo dia para a unica e longa noite dos polos !

À obliquidade da eclíptica é por conseguinte devida a diferença das estações: a temperatûra não é produzida subitamente pela presença do sol, mas sim o resultado da sua prolongada acção. A primavera é o intervallo que vai do equinócio da primavera ao solstício do verão; a época entre este solstício e o equinócio do outono constitue o verão; do equinócio do outono ao solstício do inverno é outono; d'este solstício ao equinócio da primavera é inverno.

LUIZ DA COSTA PEREIRA.

¹ Tudo o que falta a dizer sobre o movimento e influencias do sol — que é muito — reserva-se para quando se tratar do movimento real do sistema planetario. Ahi se dará conta de todos os elementos dos resultados conhecidos.

CONTOS

DE NOITE TODOS OS GATOS SÃO PARDOS

III

NAO SE GANHA PARA SUSTOS



sando dos privilegios concedidos desde que ha novellas aos chronistas viridicos, acompanhemos no seu passeio nocturno o incansavel Braz Tope, e enredemo-nos com elle no labyrintho de ruas e viellas, com que investe destemido, saltando aqui, escorregando ali, e atascando-se mais adiante, umas vezes apanhado pela enchurada, outras colhido em cheio pelas cascatas das biqueiras.

O freguez, que o mestre seguia com o faro de um galgo emerito parecia voar.

Tão depressa se devisava á entrada de uma travessa, como logo o via dobrar a esquina, e sumir-se na escuridão. Apesar do vento frio e da humidade da noite o corcovado nadava em suor, e se lhe poszessem de repente a mão na boca estalava como uma bomba. A curiosidade, só a curiosidade, mais poderosa com elle do que todas as fadigas, podia infundir-lhe ani-

mo para não descoroçar, e proseguiu perseverante na pista do viandante, que multiplicava os rodeios e as voltas, como se procurasse de propósito fugir á sua vigilancia.

No fim de meia hora de subidas e descidas, esfaldado e perplexo, perdeu de todo o norte, e se lhe perguntassem aonde estava não saberia dizer-o. Principiou então a arrepender-se seriamente da jornada, e a lembrar-se com viva saudade do conchego doméstico e dos grossos lençóis da sua cama.

Se não era de vinte varas a camisa, em que se metera, achava-a já tão larga, que não atinava com o modo de sahir d'ella. Destorcer o caminho andado, e recolher-se, não o assustava menos, do que aleimar. Ensarilhado e confuso dobrava sem descanço por becos e travessas immundas, estreitas e ladeirentas, no meio de trevas tão espessas, que podiam cortar-se. A meia noite, a hora fatídica dos homecidos e fantasmas, estava a cahir por instantes.

— «Esta só a mim ! vociferava atribulado. Quem te manda a ti sapateiro fazer piões ? Estou aviado ! Este demonio não se cançará ? ! Se vem a ronda, ou alguma boa alma, d'essas que vivem á custa alheia, apodrecem-me os ossos na cadeia por vadio, ou fico despido e esfaqueado no meio da rua ! Ah, Braz Topete, quando terás tu emenda meu amigo ? !»

Estas e outras jaculatorias, nem o aqueciam, porque tiritava como se o estivessem gelando n'uma sorveteira, nem remedejavam o seu mal, cada vez mais insupportável.

Já não podia correr. A respiração alta e apressada suffocava a cada passo. O homem, que, sem o cuidar talvez, lhe dava esta merecida lição, não inculcava pôr termo aos exercícios ambulatorios.

— «O maldito, proseguiu o anão esfaldado, não terá casa, ou será algum taful dos que moram ás esquinas e embainham uma estocada no corpo de qualquer christão ? Jesus ! Virgem Santíssima !»

A final, desanimado, e já sem forças, sentou-se em um degrau de pedra á porta de uma escada, e cobrindo, como Agamenon, a cabeça com a dobra do capote, resignou-se a aguardar que amanhecesse, ou que o seu mau fado se consumasse. Pouco depois o sino de uma egreja proxima martellou-lhe nos ouvidos doze badalladas; um choveiro rijo sussurrou batendo nas telhas e nas pedras; e o ruido de passos atropelados veiu de novo despertar no animo desfalecido de mestre Braz todos os terrores, que a imaginação exaltada e a consciencia remordida lhe coavam no peito, desde que se via perdido e só no

meio do bairro mais infamado de roubos e esperas, que existia em Lisboa n'aquelle tempo.

Em um salto, similhante ao que arma a rã para mergulhar espetada no charco, achou-se não só de pé, mas no ultimo degrau do poial, que lhe servira de recosto; e logo por outro impulso, também instinctivo, apalpando a porta, coseu-se com ella, escoando-se, e pesando para dentro, na idéa de poupar assim melhor ao seu respeitável vulto os dissabores de um encontro desagradavel.

Por desgraça sahiu-lhe errado o calculo, e naufragou no porto aonde buscava salvação. Mal tocára com os hombros na porta, que suppunha bem fechada e trancada, esta rangeu, e cedendo de repente abriu-se com força para traz de par em par, furtando o appoio ao desdoso mestre, que não contava com tanta falsidade, e que que batendo no chão primeiro com a cabeça, e depois com as costas, soltou um grito de dor a que imediatamente respondeu outro de maior susto ainda, porém agudo e mulheril.

O corcunda estirado, moido da queda, amortalhado no capote, e com o chapéo amacgado debaixo da nuca revivia-se e bracejava, empregando vaos esforços para se restituir ao equilibrio natural, e assoprando de medo e de cansaço; mas os infortunios da infesta noite não estavam ainda terminados para elle. Acabava de assentar-se, firmava as palmas para se erguer de todo, e já contava pedir ás pernas uma boa carreira, para salvar as costellas do merecido castigo, que podiam atrahir sobre elles as vozes de uma mulher refugiada no patim da escada, quando subitamente um ferro luzio nas trevas, e desendo rapido lhe apontou a morte aos peitos. Ao mesmo tempo um pé robusto e bastante pesado, alcançando-o pelo ventre, e encastoando-lhe o corpo no pavimento, em que ficou estatalhado, anunciou-lhe que pouco tinha a esperar da misericordia d'este vingador desconhecido.

— «Quem é? Falle, ou morre!»

O que Braz Topete menos podia em tão ancioso conflicto era fallar.

O terror, a agonia, a pressão do sapato, que lhe carregava sem piedade sobre o vasio, e a vista fatal da lamina acerada, que entre suores frios lhe parecia, que sentia já embebida no seio, engasgaram-lhe as palavras, e mais facil lhe fôra exhallar o ultimo suspiro, do que mover a lingua paralisada por tantas causas ao mesmo tempo.

— «Ah! Faz-se morto? Não responde? Então espeto-o!»

Dizendo isto o auctor da intervenção armada colheu a vítima pela gola do capote, levantou-a, sacudiu-a com a mão vigorosa, e de rastos levou-a quasi inerte como um fardo até á rua, aonde lhe applicou algumas pranchadas, que não desmentiram a já provada robustez do seu braço.

Esta pouca amigavel interpellação desatou milagrosamente a falla ao anão. Recobrando a elasticidade teve modo de desenfiar arteiramente as mangas do capote, como a serpe despe a pelle, e deixando a capa em tropheu ao seu perseguidor, deitou logo depois a correr e a gritar pela justiça de el-rei com braços tão fortes e desentoados, que apesar da hora adiantada e do sonno de ferro dos moradores do beco era impossivel, que não alvoroçassem em minutos toda a vizinhança.

— «Ah! exclamou o adversario de mestre Braz, arrojando ás pedras o capote velho, e alargando atraç do padecente recalcitrante os passos soltos e amiudados.

«O magano é capaz de acordar até os mortos com o berreiro, se não lhe metto pela boca os copos da espada!»

Entretanto o corcovado, ao qual prestava azas o medo fugia levando tudo diante de si pela ingreme descida. De repente, ao virar a esquina, e ao desembocar na rua de baixo, outro florete desembainhado, suspendeu-lhe a carreira, obrigando-o a armar um salto para traz, acompanhado de um verdadeiro grito de desesperação. Via-se como diz o adagio entre a espada e a parede.

— «Alto ahi! Até que o apanhei, senhor heroe! mais de vagar!»

Mestre Braz estacou. Pegavam-se-lhe os pés á calçada, e sem exageração não se julgou só morto mas sepultado. A voz, que o atalhára, era grossa e cholérica, e o comprimento do ferro alçado figurava-se-lhe prodigioso. Conservando-se immovel, esperava com a fronte inclinada, tremendo, e encommendando-se a todos os santos do paraizo, que o novo inimigo, que lhe surdira quasi debaixo dos pés, como os trabalhos, explicasse quem era, e o que desejava d'elle.

Este repetiu pela segunda vez a intimação, mas com maior impaciencia.

— «Como se chama?... O que fazia a estas horas n'aquelle becco?»

A resposta demorou-se. Era rasoavel. Decorreu bom espaço antes que o queixo inferior do sapateiro, quasi deslocado pelo terror, volvesse á sua posição natural, e lhe permittisse articular algumas palavras.

— «Vamos ! Falle ! bradou o aggressor, crescendo sobre o anão.» Não se faça mudo ! Quem é ? O que fazia ali ? acrescentou, repetindo as interrogações com asperesa de mau agiro.

— «Eu ? balbuciou o corcunda soffocado.

— «Vossa mercé, pois quem ? Vossa mercé, senhor cavalleiro andante de donzellas desamparadas, senhor desinquietador de raparigas honestas e recolhidas !...»

Um raio de luz consoladora illuminou o espirito do sapateiro. Por estas phrases percebeu que fallava com o irmão de Rita, e que este o tomava pelo alferes.

— «Nunca desinquietei ninguem. Não tenho idade, nem figura para isso !» exclamou. Sou Braz Topote, o sapateiro da rua da padaria. O senhor engana-se. Fui eu que o mandei avisar...»

— «De que um certo alferes Azevedo rondava esta rua com requebros a minha irmã ? É verdade. A isso vim, e estou-lhe muito agradecido. Mas que vespa o picou para correr tão desenfreado, que parecia um cavallo doido ? Fugia até de sua propria casa !»

A voz do irmão de Rita tinha-se tornado quasi amigavel. O corcunda, ouvindo a ultima pergunta, e respirando mais desassombrado, caiu em si, olhou com attenção para tudo o que o rodeava, e conheceu que se achava effectivamente a poucos passos da sua porta, tendo andado mais de uma hora á roda da rua da padaria, torcendo, e destorcendo por travessas, beccos, e vielas.

— «É verdade ! disse. Foi o susto. Vinha-me recolhendo, quando me salteou de repente um homem de espada na mão...

— «Ah, ah ! Talvez o alferes !... E aonde se metteu elle, aonde se sumiu ?»

— «Ahi vem !... É aquelle !...» murmurou o sapateiro mostrando um vulto, que dobrava nesse momento a esquina, e acabava de se deter á porta do palacio dos tabeliões, provavelmente admirado de avistar duas pessoas, aonde só esperava encontrar o fugitivo, salvo quasi por milagre de suas mãos.

— Recolha-se, mestre !» accudiu em voz baixa e rapida o individuo, que interpellára o honrado Topete. «Ouça o que ouvir não abra a porta, nem boqueje. O fogo queima. Adeus.»

O anão obedeceu sem se fazer rogar. Pela primeira vez da sua vida aborrecia a curiosidade como inimiga mortal da vida e do descanso. Entrou, pois, exhalando um profundo suspiro para o modesto alvergue, petiscou lume, acendeu a candeia, trancou e afferrelhou muito bem as portas, e embainhou-se na cama.

Minutos depois ressonava com trémulos e assobios dignos de uma orquestra infernal.

Neste meio tempo o aggressor do corcovado descia com certo resguardo e maior pausa. Traçou depois a capa no braço, e approximou-se, exclamando:

«— Vamos a ellas ?! quero a rua toda para mim !»

«— Também eu ! retorquiu o outro. Ha duas horas que o estou esperando, sr. alferes !»

«— Falla comigo ?...»

«— Nada de disfarces ! Sei quem é, sei o que busca. Duas palavras ! Sou Fr. Policarpo.

«— Estimo. Que mais ?

«— Não percebe ?»

«— Cada vez menos.»

«— Sou o irmão de Rita. Sahi pela janella de uma cella baixa do convento para lhe pedir contas da sedução de uma menina pobre, mas honesta...»

«— A mim ?! Está em seu juizo ?»

«— Vamos a ellas, sr. alferes Azevedo ! Um de nós ha de ficar aqui.»

«— Vamos a ellas ? Digo também que sim ; mas sou tanto alferes, como o senhor padre é capitão.»

«— Basta ! É mais valente em finezas de namorado, do que em responder com a espada a quem o chama ?

«— Já que teima !... Em guarda ! Não se queixe.»

Os ferros cruzaram-se. Fr. Policarpo, apesar de frade não era noviço em esgrima, mas depressa foi obrigado contra sua vontade a confessar que lutava com um mestre. A espada do suposto alferes dir-se-hia que fôra encantada. Encontrava-a sempre diante da sua, adivinhando todas as fintas, e ameaçando-o por diversas partes ao mesmo tempo com uma velocidade e uma certeza, que lhe infundiam espanto. Decorridos instantes Fr. Policarpo, acenando um golpe, descobriu-se, e o contrario, apesar da escuridão, aproveitando o erro, feriu-o no braço. Escapou-lhe o florete da mão. O combate suspendeu-se.

«— Está ferido ? perguntou o vencedor sentindo cair o ferro. Foi grave ?»

«— Não é nada. Uma arranhadura ! passou-me o braço direito.»

«— Então alguma cousa foi. Venha comigo. Ali defronte ha um barbeiro.»

«— A peior ferida, sr. alferes, é a da honra. Cure-me primeiro d'ella, que a outra...»

«— Mas padre, por Deus e Maria Santissima, quantas vezes lhe hei de dizer, que não sou alferes, e que nunca vi sua irmã?... Passava por acaso, quando no becco, alli acima, ouvi gritos de mulher, achei uma porta aberta, e d'entro da escada um homem caido...»

«— Diz a verdade?...»

«— Se não estivesse ferido tornavamos a ellas por causa da pergunta. O padre é teimoso!»

«— Mas a porta e a janella de Rita deitam para o bêco... Ali é que o alferes e minha irmã se fallam todas as noutes.»

«— Então o homem que me escapou das mãos?...»

«— Não era elle, Chama-se Braz Topete. Foi quem me avisou de tudo.»

«— E quem me seguiu tambem por montes e valles mais de uma hora!... Pois deve ás almas uma missa e douis credos por não lhe acontecer desgraça. Umas poucas de vezes tive tentações de lhe pagar a boa companhia com um par de estocadas.»

«— O mal está feito!... atalhou o frade suspirando. O peior de tudo é não saher eu como hei de entrar agora para o convento. A janella não é alta, mas com o braço assim poderei subir?»

«— Não se mortifique. Ate um lenço na ferida, e vamos. Aonde é o convento?»

«— Perto. No Rocio. Em S. Domingos. Se dão pela minha falta, o que não dirão os nossos padres!? Jesus!»

«— Socegue!... Pôde andar? Encoste-se ao meu braço. Sinto muito vel-o em tal estado, mas a culpa ha de confessar...»

«— Que foi minha? De certo, precipitei-me. Ponha o caso em si, e diga. Esta irmã e eu somos douis no mundo com uma avó mais pobre ainda do que nós ambos. Vivem do trabalho de suas mãos, e de alguma cousa, muito pouco, porque não posso mais, com que as ajudo. Soube que o alferes lhe arrastava a aza, que se viam na igreja á missa das almas, e que se fallavam á noute da janella. Rita é seria e honesta, e de uma formosura, que dá na vista... Tirei informação, e disseram-me que o alferes ainda tem menos do que ella, que é filho de pais nobres, mas que faleceram empenhados. Anda requerendo, porém as esperanças são bem fracas... Quiz accudir ao mal em quanto era tempo... e levei uma lição de espada preta que ha de lembrar-me. Sabe que me dóe o braço deveras, e que não posso fazer força com elle?... Se fico fóra do convento, que escandalo, que pasto para a maledicencia!... Um frade de S. Domingos, alta noute pelas ruas

de Lisboa, em habitos seculares, e de mais a mais ferido!... Em-fim seja o que Deus quizer. Em suas mãos me entrego.»

«— E faz bem. Às vezes donde menos se espera sopra a for-tuna. Vamos que é tarde. Pelo caminho me contará o resto.»

Emquanto o frade de S Domingos e o seu adversario, tor-nado companheiro, endireitam a passos lentos para o Rocio, praça então muito diferente do espaçoso largo que hoje vemos; emquanto mestre Braz Topete, bem trancado e adormecido, se revolve nas ancias de medonho pesadelo, continuava accesa a luz no aposento de Rita em cima do pequeno velador. A don-zella, ainda palida e confrangida das grandes commoções, que a tinham agitado, escutára anciosa da janella as palavras de ameaça, trocadas entre o defensor, que lhe acudira de repente para castigar o corcunda, e outra voz, que na callada da noute, e na proximidade da rua, o seu ouvido tremia de conhecer. Era a de Fr. Policarpo. À curta altercação sucedeu o tinir das espadas, e logo depois um silencio muito mais cruel para ella, do que o ruido das armas. A incerteza, como é de suppor, redobrou os cuidados de Rita. Correra sangue? De quem? Qual dos dous ficára vencedor? Jazia seu irmão prostrado, sem socorro, e esvaindo-se pelas feridas? A afflictia menina sentia uma dor immensa despedaçar-lhe o coração, e por vezes, como lou-ca, deu alguns passos para a sahida na idéa de ir desenganar-se por seus proprios olhos. Releve-a o pejo, ou a timidez natural. Podia ella, só e desamparada, arriscar-se fóra de casa e a taes horas? Resignou-se com um suspiro, e esperou.

Decorridos instantes, o som abafado de passadas, despertou-a da tristeza, em que se abysmava. Debruçou-se, e devisou um vulto parado debaixo da janella, e apesar da magoa e do sobre-salto, ouviu e conheceu, não sem estremecer de alvoroço, o cos-tumado signal do seu amante. Descer a escada sem demora, abrir a porta, e duas mãos tremulas buscando-se, e encontran-do-se na escuridão, dizerem mais no seu aperto mudo, do que exprimiriam as mais impetuosas exclamações da paixão arrebatada, foi tudo obra de momentos.

No primeiro instante nem um, nem outro se atrevia a pro-ferir uma palavra. O alferes, por que o jubilo de a ter ao lado lhe prendia a voz, ella, porque receiava descobrir sobre aquella mão, que não queria soltar-se da sua, a nodoa ainda fresca de sangue vertido pelo irmão.

Por fim o amante, amiudando os beijos soffregos sobre os delicados dedos, que tremiam entre os seus, exclamou:

«— Se soubesse, Rita!...

Assustada de lhe ouvir esta phrase, que julgou significar a confissão, que tanto receiava, a donzella fugiu com a mão, e cheia de terror soluçou por entre prantos:

«—Estou, estamos perdidos!...

«—Porque?» atalhou elle espantado.

«—Meu irmão!...» murmurou a donzella, escondendo o rosto, e derramando uma torrente de lagrimas.

O alferes, cada vez mais suspenso, tomou-lhe com branda violencia ambas as mãos, uma apoz outra, e ajoelhando depois com respeitosa ternura, repetiu em tom queixoso e soffocado:

«—O que fiz? De que me accusam? Já não me ama?! Rita, as suas lagrimas cahem todas, como fogo, sobre o meu coração...»

«—Paulo! Paulo!—interrompeu ella convulsa.—Diga-me que não foi a sua espada; mostre que está inocente, e que a sua mão pôde ainda apertar a minha... Não vê que enlouqueço, que me foge a luz dos olhos e a razão?...»

«—Mas o que é? O que sucedeu?» atalhou o mancebo erguendo-se atonito.

«—Aquelle combate! Aquelle sangue!...

«—Um combate!...» repetiu cheio de assombro. «Aonde?... Quando?...»

«—Ali!... Na rua debaixo. Não viu?... Não sabe?...

«—Eu!... Chego agora. Estive esperando que tudo estivesse quieto e só. O que houve?»

«—Graças, meu Deus! Não foi elle!...» exclamou Rita, elevando as mãos ao céo com religiosa alegria, e deixando escapar por entre as lagrimas um sorriso.

«—A minha espada!...» redarguiu Paulo, sorrindo-se tambem, «mas por outra causa, asseguro-lhe, que não pôde ferir ninguem!»

O malicioso alludia á materia inoffensiva, que substituia na bainha a verdadeira folha, empenhada na vespora.

«—Quem foi então, que me salvou, e que ao dobrar a esquina se encontrou com meu irmão?...»

«—Com seu irmão?! Fr. Policarpo veiu aqui?... Fallou-lhe?...»

«—Não. Mas ouvi-lhe a voz. Era elle. O outro é que eu não conheci.»

Então contou-lhe tudo o que tinha ocorrido, descrevendo-lhe com as viyas còres da imaginação exaltada o assalto e a queda do anão, o soccorro não esperado do desconhecido, as vozes ameaçadoras dos adversarios, o som das armas, e o silencio repentina, que lhe fazia temer uma catastrophe.

«—Pelo amor de sua mãe, Paulo, concluiu ella, tire-me d'esta afflição. Vá ver!... Meu irmão... estará?...»

Não se atreveu a proferir a palavra morto, mas o gesto disse o que a bocca não ousava.

«—Vou! Replicou elle, pegando-lhe na mão e beijando-lh'a. Mas creia mais no seu poder, Rita, nunca peça pelo amor de outra, mande pelo seu. Não sabe que a adoro acima de todos, e de tudo?»

Cosendo-se com as paredes para se encobrir, e sumindo com precaução o ruido dos passos, o mancebo virou logo a esquina. Em quanto esperava, já arrependida de o arriscar a um mau encontro, a donzella, debruçando o corpo todo fóra da porta, apertava as mãos unidas contra o peito, como se quizesse impedir, que o coração lhe escapasse. Imagem viva da anciedade, nem respirava afim de o ouvido colher o mais pequeno rumor.

A ausencia durou pouco. Paulo voltando tranquillisou-a.

«—Está tudo deserto!» disse enlevado na formosura d'aquelle rosto, em que a dor e o cuidado se retratavam. «Socegue nenhum d'elles morreu, ou teve ferida grave.»

«—Ah, Paulo, se por minha causa se derramou uma gota de sangue, nunca lhe perdoarei, nem a mim a loucura d'estes colloquios.»

«—Não me ama, bem vejo!» acudiu elle entristecendo. «Chora estes instantes, tão curtos, que roubamos ambos á pobresa e á desgraça?!...»

«—Ouça!» interrompeu ella, pondo-lhe ao de leve a mão no hombro com infinita meiguice. «Sei que faço mal em estar aqui, em faltar ao recato e ao respeito, que uma rapariga honesta deve a si e aos seus; fiei-me na sua honra, e não me arrependo. Mas este amor, que seria a nossa felicidade, creia-me Paulo, é um amor sem esperança. Nascido entre prantos, acabará...»

«—Não diga que ha de acabar!... Somos pobres, cada dia parece separar-nos mais, mas Deus, que nos vê, ha de lembrar-se, ha de compadecer-se por fim de tanto affecto. Esperemos na sua bondade.»

«—Olhe, Paulo, a sua cruz é pesada, mas a minha custa-me tanto a levar, que ás vezes chego a desejar, e a pedir a morte.»

«—Animo! redarguiu o mancebo com os olhos arrazados de agua, e a voz tremula. «Cuida que sou o que padeço menos? Eu, que daria por cada instante de ventura a seu lado um seculo d'esta existencia de miseria e de tristeza, não me dobro ao infortunio, nem me desconsolo. Quem sabe!... Talvez tudo mude de um momento para outro. A fortuna ha de cançar-se.»

«—Escute! disse ella pegando-lhe no braço. Não ouve?...»

«—É a ronda! Não quero que me veja aqui. Adeus! Rita, querida Rita, uma voz secreta diz-me, que ainda havemos de ser felizes. Creia e espere!»

A donzella sorriu-se com resignada tristeza, e duas lagrimas, duas perolas, deslisaram-se, não sentidas, de seus olhos, e foram congellar-se na mão do alferes, que ainda não tinha largado a sua.

Paulo estremeceu, e commovido, soltou um suspiro, inclinou-se, e depoz um beijo casto e timido n'aquelle fronte pura e graciosa. Depois arrancando-se com exforso á contemplação da meiga fada, que lhe sorria chorosa, envolveu-se na capa, e apartou-se.

Rita seguiu-o com a vista até elle desapparecer; subiu depois vagarosa a escada; cerrou a janella; e ajoelhando com as mãos postas, exclamou soluçando:

«—Chamai-me cedo, Senhor, do meu desterro! Se a sepultura tem de ser o meu leito nupcial, que o golpe se não demore. Já não tenho forças, nem lagrimas para mais tormentos!»

L. A. REBELLO DA SILVA.

EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE 1862

Em Londres



e o numero dos expositores de cada nação, transcripto na lista apresentada no artigo anterior, não dá nem a medida exacta da importancia das respectivas exposições, e ainda menos o valor industrial de cada povo, não se pôde negar todavia que a ordem da collocação, que deriva da reciproca comparação d'esses números, esteja, até certo ponto, e com poucas excepções, em harmonia com as facultades productivas dos diversos estados.

Justifiquemos por meio de uma rapida resenha a verdade d'esta apreciação.

Ninguem de boa fé pôde recusar á Inglaterra o direito de ser colocada á frente do movimento industrial do mundo. A Grã-Bretanha por si só, ainda mesmo pondo de parte o espantoso auxilio que tira das suas immensas e productivas colonias, é incontestavelmente o paiz que produz hoje a maior somma de valores absoluta e relativamente falando, isto é, quer os consideremos na sua importancia total, quer em relação a uma qualquer unidade de territorio ou de população.

É o paiz em que a actividade industrial e commercial é a mais intensa e espontanea.

A sua exposição correspondia a esta idéa; era completa em todos os ramos — materias primeiras, instrumentos de trabalho e products manufacturados — e mais do que completa era verdadeira, por qué todos os productos expostos eram especimens das explorações e fabricações correntes e não excepcionaes.

Quem poderá duvidar da preeminencia da Inglaterra em tudo o que respeita á producção mineira? Aproximadamente 360 expositores, ocupando 8.400 pés quadrados, representavam as industrias que do reino mineral e do seio da terra extraem, preparam e distribuem o precioso combustivel, alimento de tanto trabalho e origem de tantas forças; as pedras de construcção e ornato; e os metaes que vão servir á fabricação das machinas e instrumentos de trabalho, das armas, das peças de construcção civil, militar e maritima, dos utensílios usuaes e de luxo e da moeda representativa de todos os valores.

«A producção do combustivel mineral em Inglaterra» dizem os srs. Combes e Dubocq no seu relatorio sobre os combustiveis mineraes «foi em 1860 de 80 milhões de toneladas, das quaes 7.400.000 foram exportadas, ficando para o consumo interior do paiz 72.600.000 toneladas.» Outros dizem que a Grã-Bretanha produz annualmente 84 milhões de toneladas de carvão de pedra. Se, como a sciencia demonstrou 500 grammas de carvão, ardendo em um minuto, produzem um trabalho mechanico igual ao de 300 cavallos de vapor, que assombrosa força não é aquella que á sua disposição tem a Inglaterra nas suas minas de carvão de pedra? Um escriptor notavel que n'estes ultimos tempos se tem ocupado em descrever, com tanta verdade como elegancia, a vida e costumes ingleses, diz, que a natureza, para compensar sabiamente a Inglaterra do nublado céo, que lhe coube em sorte, lhe *armazenou mais sol* do que a nenhum outro povo da Europa. Os chymicos e engenheiros ingleses definem o carvão de pedra *sol armazenado*.

Permittam-me que justifique esta exacta definição. Que é o carvão de pedra? Que são os combustiveis mineraes? São restos de antigas vegetações, sepultados pelo trabalho successivo e poderoso das forças naturaes no interior da terra, aonde, por cauzas geraes e especiaes, tém soffrido uma decomposição mais ou menos completa, da qual ficou como reziduo principal o carvão, que é o constituinte solido das plantas. Ora as plantas que deram origem ao carvão de pedra, formaram-se, como todos os vegetaes, absorvendo, e immobilisando temporariamente o calor do sol.

É este calor que elles guardam armazenado, desde épocas tão remotas, nos depositos das camadas, em que as revoluções do globo as sepultaram. É esse mesmo calor, que do sol veio ás plantas e que por tantos milhares de seculos tem estado inactivo, que hoje se manifesta livre, quando queimamos o carvão de pedra, para produzir nova força e novo trabalho.

Mas deixando estas considerações puramente scientificas, comparémos a producção dos combustiveis mineraes nos outros paizes com a da Inglaterra, para justificar a preeminencia que lhe attribuimos.

A França, segundo as estatísticas de 1859, consome annualmente pouco mais de 13 milhões de toneladas de hulha, dos quaes só 7.482.000 toneladas são de producção francesa, sendo o resto devido ás importações da Belgica, da Inglaterra e da Prussia.

A Belgica em 1859 produziu perto de 10 milhões de toneladas de hulha. A Prussia em 1860 produziu 10.657.000 toneladas de hulha e 3.153.000 toneladas de lignites, ao todo 13.810.000 toneladas de combustiveis mineraes. A Austria produz actualmente cerca de 3.500.000 toneladas de combustiveis mineraes em cada anno. Os outros paizes da Europa, e ainda os das outras regiões do globo, não figuram n'este ramo de producção mineral por algarismos mais consideraveis.

A par da grandeza da producção dos combustiveis mineraes em Inglaterra está a perfeição dos methodos empregados na lavra e trabalho das suas minas.

A Inglaterra não é extremamente rica em pedras de construção, basta vêr que na maior parte das cidades a edificação é feita com tijolo. Entretanto a exposição ingleza brilhava n'esta parte pela excellente collecção das ardozias, das serpentinas, e dos granitos admiravelmente polidos. N'esta parte nenhuma exposição era mais abundante nem mais bella, e tambem porque em nenhuma outra parte se trabalha e pule o granito com tanto esmero e perfeição como em Inglaterra.

Em quantidade de ferro produzido nenhum paiz excede a Inglaterra, como nenhum a excede na espantosa generalisação do emprego deste metal, e se ainda a alguns annos a esta parte se notava na qualidade de certos ferros ingleses sensivel inferioridade em relação aos mais perfeitos do continente, mostrou a exposição que essa inferioridade relativa tem desapparecido e que n'esta industria colossal o progresso é amplamente manifesto tanto na extensão da producção e emprego como na perfeição dos productos.

Parcce que a Providencia collocou expressamente junto dos grandes depositos de combustivel mineral abundantes minas de ferro, entregando o seu dominio a uma raça activa, intelligente, laboriosa e perseverante para que não ficasse inutil e improductivo o mais poderoso instrumento do trabalho moderno. Se o ouro é ainda o primeiro da aristocracia metalica, o ferro é o representante da poderosa democracia, cuja força se manifesta em tudo e por toda a parte; nas vias de communicação rapida; nas construcções mais audaciosas da terra e do mar, e desde as machinas de maior potencia até aos mais singelos e exiguis instrumentos da economia domestica.

A par do ferro e derivando d'ele a metallurgia ingleza ostentava o aço, cuja theoria de composição e fabricação tem sido n'estes ultimos tempos objecto de largo estudo e discussão. N'este producto

ainda a Inglaterra sustenta com vantagem a concorrença com os outros povos productores. O processo Bessemer, que há annos funciona em Scheffield, e que começa a generalizar-se e até no continente, obteve incontestável triunfo na Exposição de 1862, e mostrou de um modo irrecusável quanto a industria deve à sciencia. A superioridade que os ferros da Suecia e da Russia tinham na produção do aço, e que deviam mais à composição dos minérios de que são extraídos do que a outra qualquer causa, perdeu muito do seu valor.

O aço, todos o sabem, tem grande superioridade sobre o ferro, na maior parte dos usos em que se emprega este metal, mas o custo da sua produção restringe o seu emprego: O processo Bessemer para a fabricação do aço fundido por modico preço vem resolver essa dificuldade, e, dentro em pouco, a applicação d'este producto, tornando-se geral, realizará uma das revoluções mais notáveis da industria moderna.

Na exploração dos outros metais de uso commun, no do estanho, do chumbo e do cobre, a importancia da Inglaterra não tem muitos competidores; basta dizer pelo que respeita a este ultimo metal, que a produção n'aquelle paiz subiu em 1860 a 29.600 toneladas: mas é também verdade que a Inglaterra recebe os minérios de cobre em grande parte de territórios estranhos e, entre estes, Portugal corre hoje com notável porção.

Para fazer idéa da parte que a Inglaterra, ou as suas colónias, tem tomado na produção e distribuição do ouro na época em que vivemos bastava olhar para o obelisco ou pyramide que os commissários de Victoria, na Australia, levantaram debaixo da cupula de Leste para representar, pelo seu volume, a quantidade de ouro produzido, no periodo decimal desde outubro de 1851 a outubro de 1861, n'aquelle importante colónia. Esta pyramide media 1.492 $\frac{1}{2}$, pés cubicos, correspondendo a 26.162.432 onças troy de ouro, cujo valor é de 104.649.728 lib. est. Teremos de voltar mais de espaço a este objecto, e então veremos que ainda na produção do ouro nenhum Estado compete hoje com a Inglaterra.

VI

Por enquanto o meu intento é apenas justificar a asserção, lançada no princípio d'este artigo, de que a Inglaterra está como o mostrou na Exposição, à frente do movimento industrial do mundo. Não quer isto dizer que em todos os ramos de produção tenha ella superioridade incontestável sobre as outras nações, mas que a somma total das suas forças productivas lhe imprime um movimento superior que nenhuma outra tem ultrapassado. N'esta demonstração continuarei a seguir a ordem das classes mas tocando apenas nos pontos mais salientes.

A exposição dos productos chymicos ingleses no annexo de Leste patenteou bem claramente o grande desenvolvimento que as artes chymicas teem tido no Reino Unido. Apezar dos homens eminentes que na sciencia chymica tem tido a Inglaterra, não é por certo ali que esta sciencia recebeu os pôderosos impulsos, que desde os fins do seculo passado a tem feito percorrer o mais brilhante caminho, alcançando para a industria tão solidas conquistas e explendidos triumphos. Em poder inventivo na sciencia e artes chymicas a França e a Alemanha teem marchado seguramente adiante da Inglaterra; mas nenhuma d'estas nações tem elevado a producção e o commerçio dos productos chymicos de grande consumo a tão extraordinaria quantidade como a Inglaterra. N'este paiz realizam-se com espantosa facilidade todas as grandes tentativas que tem por ultimo resultado o embaratecimento dos productos. Assim na fabricação do acido sulfurico, a mais importante e essencial de todas, os fabricantes ingleses foram, senão os primeiros a substituir a combustão das pyrites á do enxofre da Sicilia, pelo menos os que adoptaram em mais larga escala este melhoramento no sentido da produção do acido por baixo preço.

Tendo começado pelo emprego das pyrites da Irlanda, consomem hoje prodigiosa quantidade das que em Hespanha se exploram nas minas de Huelva, e em Portugal nas de S. Domingos.

Esta transformação que n'estes ultimos annos tem sofrido a industria do acido sulfurico em relação á materia prima é um dos mais frizantes exemplos da verdade dos principios economicos. A Sicilia fornecia a quasi totalidade do enxofre para o consumo das fabricas da Europa. O governo de Napoles, julgando-se seguro do monopolio d'esta materia, intentou aumentar os seus rendimentos elevando os direitos de exportação do enxofre em 1836. Espalhou-se o terror entre os consumidores do enxofre em Inglaterra e França; as reclamações dos governos d'estas nações a muito custo conseguiram a retractação d'aquellea medida anti-economica, mas o alarme que se havia levantado tinha já promovido o excitamento das investigações scientifico-industriais, e em poucos annos as fabricas de acido sulfurico trocaram o uso do enxofre, que era monopolio natural da Sicilia, pelo pyrites das que se acham espalhadas por toda a parte. Se não fôra o flagello do oidium, que ha dez annos devasta os vinhedos, o emprego do enxofre natural achar-se-ia hoje muito reduzido. O erro economico do governo de Napoles fez perder ao enxofre da Sicilia a sua grande importancia, mas, consequencia providencial! os depositos de pyrites, quasi sem valor até então, adquiriram-o e muito consideravel, não só pelo enxofre que hoje fornecem, mas até pelo cobre, que, nas cinzas que deixam, se tornou de facil aproveitamento.

N'esta nova direcção dada á primeira das industrias chymicas Portugal pôde auferir grandes vantagens, porque possue pyrites contendo de 45 a 50 por 100 de enxofre e mais de 4 por 100 cobre.

A exposição ingleza apresentou na 2.^a classe 213 expositores, ocupando aproximadamente 5.100 pés quadrados no annexo de Leste. O numero dos expositores francezes n'esta classe não era muito inferior áquelle, pois subia a 149, entre os quacs alguns eram expositores collectivos, devendo-se notar que a concorrença dos expositores ingleses devia necessariamente ser maior, em egualdade de circumstâncias industriaes, visto que a exposição tinha lugar em Londres. D'esta comparação poderia talvez tirar-se a illação de que a industria chymica é mais vigorosa em França do que na Inglaterra. Mas não é esta a verdade. A fabricação dos productos chymicos será talvez mais variada e mais perfeita em França, mas não é segurante nem tão extensa, nem tão considerável como no Reino Unido.

Basta só considerar a importancia relativa da fabricação da soda e productos derivados do sal marinho nos dois países, porque são esses productos os de maior e mais geral consumo. A Inglaterra decompõe annualmente 260.000 toneladas de sal, em quanto a França emprega só para o mesmo fim 59.000 toneladas da mesma materia: assim a Inglaterra fabrica semanalmente 3.000 toneladas de carbonato de soda, 2.000 toneladas de crystaes de soda, 280 toneladas de bicarbonato de soda, e 400 toneladas de chlorureto de cal, representando tudo um valor de 3.200.000 L.^s e empregando dez mil trabalhadores.

Como novidade n'esta ordem de productos mostrou a exposição ingleza pela primeira vez a producção industrial da soda caustica em grandes massas para o uso das fabricas de sabão, proporcionando assim a estes estabelecimentos a economia da previa caustificação pela cal na preparação das lexiarias.

Seria longa e ociosa para o intento que me propuz a menção especial dos numerosos productos que tornavam tão interessante esta parte da exposição; mas não posso deixar de mencionar como um dos mais brilhantes tropheos da industria chymica ingleza a explendida collecção das novas materias corantes extrahidas, para assim dizer, do carvão de pedra.

Bem poucos dos descobrimentos com que a chymica tem enriquecido a industria fizeram mais rapida fortuna do que o das materias corantes da anilina, que, com os nomes de *magenta*, *solferino*, *rozalina*, *azulina* e não sei quantos mais, são hoje as favoritas da moda, com a protecção e sympathia do mundo elegante.

A anilina era já conhecida desde 1826, tendo sido descoberta por Unverdorben, como producto do desdobramento de certos corpos or-

ganicos azotados, e principalmente do anil, donde lhe veio o nome. Este mesmo principio foi depois descoberto no alcatrão que se obtém entre os productos da distillação do carvão de pedra e mais tarde produzido artificialmente por meio da benzina, outro producto da distillação do mesmo alcatrão. Ao principio a anilina unicamente se encontrava nas collecções scientificas dos laboratorios, e alguns sabios tinham notado que em certas reacções ella produzia cores de uma vivacidade característica, mas não se preocuparam com as applicações que d'esse facto se podiam fazer á tinturaria; ultimamente um chymico inglez M. Perkin, obtendo, pela reacção do bichromato de potassa sobre a anilina, uma explendida materia corante, concebeu o pensamento de a applicar á tinturaria. Realisou de prompto esta idéa, e com tão feliz exito que não só a applicação d'aquella materia corante se generalisou com espantosa rapidez, mas até novas tentativas, felizes quasi todas, crearam com o mesmo principio, e por modos diversos, novas cores todas bellas e de prodigiosa intensidade. Hoje a anilina, mãe de todas essas cores, produz-se em larga escala e só uma casa de Londres prepara 3.000 kilogrammas d'esta materia por semana. A exposição ingleza apresentava ricos especimens d'estas materias corantes, e entre elles via-se uma grande coroa formada pelos crystaes do acetato de rosalina, que maravilhavam quantos a viam.

Para dar uma idéa da prodigiosa intensidade das novas materias corantes do carvão de pedra, transcreverei aqui a nota que lancei no meu diario em vista da exposição de Perkin & Sans, que tinham o n.º 581.

«Grande collecção de cores de anilina com os especimens demonstrativos da sua applicação. — Um frasco de *coal-tar* de 5 Lit. contém apenas 10 grãos de anilina. — Um dito de solução de purpura de anilina contém apenas 1 grão de materia corante. — Um cilindro de purpura de anilina solida tendo 0,º 50 de alto, e 0,º 23 de diâmetro, que é suficiente para estampar 100 milhas inglezas de panninho, e que requereu, para ser produzido, a distillação de 2.000 toneladas de carvão de pedra.»

Maravilha por certo a grandeza dos effeitos e a riqueza dos productos que se alcançam do carvão de pedra; o calor, a luz, a força; dezenas de productos interessantes e sempre utilisaveis, e entre elles as cores tão vivas e brilhantes como as dos raios do sol, cuja luz presidio e concorreu para a formação das plantas d'onde esse carvão deriva.

(Continua)

J. PIMENTEL.

FERNANDO

Je sais bien que le lecteur n'a pas
grand besoin de savoir tout cela ; mais
j'ai besoin, moi, de le lui dire.

ROUSSEAU

Este romance he puro ; a phantasia
Não lhe inventou siquer um episodio.
Digo o que sei, tratei de muito perto
Quantos aqui figuram, muitas vezes
Entrei tambem no drama desditoso
Que passo a apresentar sem mais rodeios.

Este seculo he mau para os perfumes
Do extase ideal, sorri-se sempre
Dos transportes sem fim de qualquer louco
Que inda escreve dois versos derretidos
Á lua, ao rouxinol, á doce aragem,
Ao ribeiro da encosta, aos olhos negros
D'algum *ignoto deo* por quem suspira.
E tem razão ! Quem ouve o som dos hymnos
Quando chia o wagon, e a terra gemé
No constante lidar de mil obreiros ?
D'esta verdade nua e pavorosa
Surgio inteira a acção d'este romance.

Fernando era um rapaz pobre e poeta
 Que eu d'antes conheci; (hoje conheço
Pobres-poetas e poetas-pobres,
 Por mal de meus peccados)! quem o visse
 Pallido sempre, e triste e pensativo,
 Julgaria talvez que era do rancho
 Dos vates sepulchracs, — pois illudia-se.
 A morte é sempre pallida, e Fernando
 A murmurar em paz deixava o mundo.

Seus cantos eram frescos e suaves
 Como os cantos d'amor de uma donzella;
 Costumava soltar os sobre o monte
 Onde se hia assentar quasi ao solposto.
 Nunca o mundo os ouvio, — improvisava-os
 Como o vento que passa, como as aves,
 Como as ondas do mar, como as florestas:
 Daya-lhos Deus, soltava-os livremente!

Eu podia fazer d'aquella vida
 Um romance phantastico e tremendo
 Como Lara, talvez, como Manfredo,
 Como Antony, René, Werther, Eurico,
 (Salvo o talento meu que é coisa à parte)!
 Mas para que? mentia, e sobre o tumulo
 De um martyr que expirou entre os meus braços,
 Hia sagrar ao mundo um canto infame,
 Em vez de derramar sinceras lagrimas!

Uma tarde d'autuno, quando as folhas
 Caiam quasi murchas do arvorêdo,
 Vi-o cair tambem; ao longe, o mundo
 Não o pensou siquer, — mas o solposto,
 Mas os ramos do val, mas os murmúrios
 Da viração subtil, gemeram tristes
 Pelo som d'essa voz que a Deus subia,
 Ou que saudava a terra em flebeis hymnos!

A sua historia é esta; o seu legado,
 Que ao morrer me deixou, cifra-se apenas
 N'este pequeno livro que eu transcrevo.
 São dez dias d'amor, dez longos diáns
 De um martyrio fatal; são dez suspiros

Que o coração desprende, embalsamados
De ventura e de dôr, dez harmonias
De uma harpa que estalou, e jaz agora
No recesso do val — perdida e triste!

Maio — 4 — ao alvorecer.

Eu tinha hidro sentar-me solitário
Na montanha d'álém, sob uma olaia.
O céo era de purpura, na veia
Do ribeiro gentil que ao pé corria
Espelhava inda tímido os seus raios.
As calhandras cantavam, pelo espaço
Soprava a viração toda perfumes.
Gostava d'ali estar; lá muito ao longe
Inda via a janella onde por vezes
Vinha Helena sentar-se; n'aquelle hora
Só lá estava o vasinho d'açucenas
Que ha dois dias lhe dei, — bem me recordo.

Que amor! como nasceu dentro em nós ambos?
Que mysterio do céo! Oh, quem podera
Volver ao tempo alegre e descuidado
Dos sorrisos, da infancia e dos folguedos.
De que me serve amal-a, se esta vida
Vai fugindo de mim, se he-ide perdel-a,
Deixal-a cá na terra entre o ruido
D'estes homens sem fé, sem luz, sem nada;
Deixal-a, como a flor da brenha rude,
Perdida na aridez; deixal-a triste
Entre lascivas mãos, que hão-de perder-lhe
Aquelle acesa côn, aquelle aroma
Que me tem sido o encanto da existencia!

Céos! que fareis da misera
Quando eu deixar o mundo,
Sem este amor profundo
Que inda hoje lhe sorri?
Senhor, que ás aves timidas
Dás pão, dás lar no inverno,

Estende o olhar paterno
Á que eu te deixo aqui !

Lá quando a vires pallida
Chorar no desconforto,
Envia-lhe ao seu horto
Um serafim dos teus :
Quando anhelante e pavido
Choravas no martyrio,
Anjos do santo empyreo
Cá te mandava Deus !

Oh, como a terra esplendida
Se adorna de mil flores,
Que variegadas cores,
Que amor que o céo nos diz !
E eu vou fugindo, — alongo-me
De tanto brilho e tanto ;
Quebrado está o encanto
Do meu viver feliz !

Irei, quando o crepusculo
Descer sobre o horizonte,
Quando secar no monte
A relva luzidia,
Quando expirar o canticlo
Das aves saudosas,
E não brotarem rosas
Ao despontar do dia !

Bem sinto ! o outono apressa-se
Em desdobrar seu manto,
E eu deixarei o encanto
Que inda hoje me sorri ;
Mas tu que solitaria
Cá ficarás na vida,
Ai, não te esqueças, qu'rida,
Do que morreu por ti !

Esta idéa da morte fez-me triste.
Levantei-me d'allí, era inda cedo
Para passar com ella algumas horas.
Começava o bulício, as cantilena

Resoavam no val ; por toda a aldeia
 Aos gorgeios das aves respondiam
 Os cantos festivaes das creancinhas,
 Puz-me a pensar n'essa alegria immensa,
 N'essa vida a pullar, n'essa frescura
 Que respirava tudo, enquanto ao longe
 Já se ouvia um chilrar confuso e ledo,
 Que o vento da manhã vinha trazendo :

« — Lindas pastorinhas
 Que fazeis, formosas ?
 Vinde colher rosas
 Que ha de varias cores.
 Quando a aurora acende
 Sua lua bem dita,
 Tudo em nós palpita,
 Tudo diz amores. »

« — Eu sou pequenino,
 Bem o sei, bem sinto,
 Mas mentir, não minto,
 Pastorinha ouvi :
 Se de tarde brinco,
 Se risonho jogo,
 Fico triste logo
 Quando penso em ti. »

« — Tu sorris e passas
 Pastorinha louca,
 Mas a tua bôca
 Balbucia... o quê ?
 Quando eu fôr crescido
 Viverei contigo
 No caçal amigo
 Que d'aqui se vê ! — »

« — Dar-te-hei tudo, tudo
 Que ha no mundo inteiro,
 E um fiel rafeiro
 Velará por ti.
 Eu sou pequenino,
 Bem o sei, bem sinto,

Mas mentir, não minto
No que digo aqui! — »

« — Lindas pastorinhas
Que fazeis, formosas?
Vinde colher rosas
Que ha de varias cores.
Quando a aurora acende
Sua luz bemdita,
Tudo em nós palpita,
Tudo diz — amores! — »

O canto foi morrendo pouco a pouco
Té se sumir de todo; eu caminhava
A scismar nas endeixas d'esse infante
Que promettia tanto á sua bella!

Oh, ter dez annos, divagar contente
No vasto prado, errar pelas florestas
Á luz do sol, crescer ardente e livre,
Sentir o coração bater no peito
Como qu'rendo sair, e vir cá fóra
Buscar alguém por quem suspira ha muito;
Eis a vida, o prazer, poesia, encantos,
Paraizo na terra, amor em tudo!

E eu caminhava só, fitando a sombra
A crescer sepulchral sob os meus passos.

Quando sahi do val, hia correndo
Um cardume infantil pela campina;
E a voz, que ha pouco ouvira, inda soava
Chilrando estas endeixas amorosas:

— «Eu sou péquenino,
Bem o sei, bem sinto,
Mas mentir, não minto,
Pastorinha ouvi:
Se de tarde brinco,
Se risonho jogo,
Fico triste logo
Quando penso em ti.»

— «Lindas pastorinhas
Que fazeis, vaidosas ?
Vinde colher rosas
Que a manhã rompeu.
Tudo agora encanta,
Tudo diz amores,
Nos botões das flores
Se reflecte o céo !» —

II

Maio — 10 — ás 7 horas da tarde.

Tinha passado o dia pensativo,
Pensativo porque? não sei, misterios
Tenho na vida, que entender não posso,
Que me fazem scismar por largas horas.
Quando o sol descaío, desafogou-se
Minha tristeza vã; senti-me alegre,
Fui divagar em paz, — era sol-posto.

Que fiz então? porque sorria ás vezes
Quando o vento agitava as densas ramas?
Porque olhava em redor quando a avesinha
Desprendia, ao passar, um debil pio?
Coração de creança, que palpita
Ao minímo rumor, — o meu pullava
Como o de uma donzella apaixonada,
Quando a primeira vez abraça o amante! —

Ella por fim chegou; vinha de branco,
Afrontava-lhe o rosto uma madeixa
De annelados cabellos, sobre o collo
Candido vêo lhe hia ondulando solto.
Sentou-se ao pé de mim, — tinha vinte annos
O meu amor, Helena, a minha vida.
Sentou-se ao pe de mim, — sobre o meu hombro
Como cansada reclinou a fronte.

Oh, como eu sou feliz, quando me alongo
Do rumoroso mundo, e socegado
Espraio o coração sobre delicias!
A ambição do poder, o falso brilho,

O nada das grandezas porque almejam
 Tantos fatuos d'além, qua vale tudo
 Ao pé do monte agreste onde me assento
 A respirar amor em cada brisa !

Amor é tudo quanto ha bom na terra,
 Tudo que é santo se resume aqui ;
 Rebentam lyrios na escarpada serra,
 Florescem prados quando amor sorri.

Que diz a aurora quando rompe amena
 Banhando a terra d'esplendente albor ?
 Que diz ao longe a viração serena ?
 Amor, — e os echos vão dizendo, — amor !

Remoça a vida quando em nós palpita
 Intimo affecto que a sorrir nasceu ;
 Verdeja a planta que um rumor agita
 Se doce orvalho lhe baixou do ceo.

Reluz a estrella mais brilhante e linda
 Se uma outra ao longe mil ternuras diz ;
 E percorrendo a solidão infinda
 N'outros espaços vai viver feliz !

Nós, tambem livres do lavor do mundo,
 Vamos vivendo sem pesar, sem dôr ;
 Quem nos inleva n'un prazer profundo ? —
 Amor, — e os echos vão dizendo — amor ! —

Amor é tudo quanto ha bom na terra,
 Tudo que é santo se resume aqui :
 Rebentam lyrios na escarpada serra,
 Florescem prados quando amor sorri !

Quando o canto expirou, a minha Helena
 Apertou-me em seus braços convulsivos.
 Entrámos pelo céo, foi um relampago
 De jubilo ideal que n'aquella hora
 Refulgio sobre nós ; sentimos tudo
 Que sente o coração, quando se despe
 Das grosseiras paixões, e livre e puro
 Sobre rosas descansa ao pé dos anjos ! —

Depois, ao despedirmo-nos, um beijo
Veio findar o encanto d'essas horas ;
Ella, então, ao dizer-me o adeos extremo
Gostosa murmurou sobre os meus labios :

Amor é tudo quanto ha bom na terra,
Tudo que é santo se resume aqui ;
Rebentam lyrios na escarpada serra,
Florescem prados quando amor sorri.

Remoça a vida quando em nós palpita
Intimo affecto que a sorrir nasceu ;
Toda a minha alma de prazer se agita,
Que esta ventura me baixou do ceo.

Oh, vem comigo ! na campina agreste
Por entre as balsas desabrocha a flor ;
Dá-me os teus beijos, viração celeste,
Enche a minha alma d'encantado amor ! —

III

Julho — 4 — ás 9 horas da noute.

Helena fôra estar não sei que dias
Com sua velha mãe ; morava longe
Aquella santa mãe ! hoje, de noute,
Recebi, junctamente co'um raminho
De saudades e lyrios, uma carta.
Uma carta, oh, meu Deus ! como anhelante
A tenho unido ao coração e aos labios !
Aqui — seus meigos olhos divagaram,
Aqui — sua mão gentil passou por vezes,
Aqui — toda a sua alma, concentrada
Nas saudades de mim, desceu inquieta.

Oh, meu Deus, oh, meu Deus, como anhelante
A tenho unido ao coração e aos labios !
E julgo então que a sinto, que lhe escuto
O som da meiga voz que me segreda
Mil protestos d'amor, mil loucos beijos !

A Fernando

Valle. Julho — 4 — às 3 horas da tarde.

— «Não te esqueço ! aqui tam longe
 Penso em ti, como pensava
 Quando ha pouco te abraçava,
 E me dizias : «sou teu !»
 Não te esqueço ! o amor materno
 Dá-me luz que é santa e pura ;
 Mas comtigo ha mais ventura,
 É mais doce a luz do ceo !»

— «Olha, escuta, — quando á tarde
 Vou divagar na campina,
 Onde outr'ora pequenina
 Fui tantos annos brincar,
 Não sei, amor, porque choro,
 Que tristeza sem motivo
 Me faz o olhar pensativo,
 E o rosto na mão firmar.»

— «Minha mãe beija-me inquieta :
 — «Porque scismas ? porque choras ?
 «Não passes tam triste as horas....
 «Anda, folga, eu vou tambem.
 «Não vês tu que me entristeces,
 «Filha, filha, minha vida ?...»
 E eu beijo-a então commovida, —
 Bem sabes que é minha mãe !»

— «Depois, á noute, sentada
 Junto da minha janella,
 Quando a lua amena e bella
 Começa a romper do ceo,
 Penso em ti, penso nas tardes
 Em que ao teu peito me unias,
 Quando alegre me dizias :
 — «Sê minha como eu sou teu !» —

«Fico assim por largas horas
 Vendo sempre a tua imagem ;

Tua voz sóa na aragem,
 Tudo que é teu me sorri :
 Ai, não te esqueças, Fernando,
 Da que suspira na ausencia
 Pelos dias d'innocencia
 Passados junto de ti !»

«Em breve parto ! não tarda
 Que outra vez seja contigo ;
 É só lá que eu tenho abrigo,
 É só lá que encontro lar.
 Como andorinha inconstante
 Fujo rapida a campina,
 Onde outr'ora pequenina
 Vim tantos annos brincar !» —

«Mãe, passado, amor, socego,
 Irmãos da infancia querida ;
 A cruz singela da ermida
 A cuja sombra cresci,
 Os lyrios da minha encosta,
 Minha lareira d'inverno,
 Digo a tudo o adeos eterno,
 Tudo me esquece por ti !» —

«Pobre amor ! quantas saudades
 Te andarão tristes rallando !...
 Não chores, não, meu Fernando,
 Não chores, t'o peço eu ;
 Vem perto os dias ditosos
 Em que ao teu peito me unias,
 Quando alegre me dizias :
 — «Sê minha como eu sou teu !» —

(Continúa.)

E. A. VIDAL.

CHRONICA LITTERARIA



or onde hei de principiar? Que nova publicação, entre as que me rodeiam, me cumpre escolher para registar? Devia ser a que primeiro me foi offerecida; mas com verdade, não saberia indicá-la. O que eu asseguro, é que tenho diante de mim obras notaveis, firmadas pelos nossos mais festejados talentos e estréas lisonjeiras de prometedoras vocações. E para que não duvidem, aqui lh'as menciono: *O Outomno*, por Antonio Feliciano de Castilho, *Calabar*, romance, por Mendes Leal, *Elogio historico de S. M. El-Rei o Sr. D. Pedro V*, e *Memoria ácerca da vida e escriptos de D. Francisco Martinez de la Rosa*, por L. A. Rebello da Silva, *Aventuras de Basilio Fernandes Enxertado*, por Camillo Castello-Branco, *Historias para gente moça*, por Julio Cesar Machado. Não falta, pois, n'estes livros muito que apreciar, e ainda mais que estudar. A analyse de taes obras, serve para gravar na memoria as bellezas que encerram. Aprendem-se ali os segredos da lingua e a vernaculidade da phrase.

O chronista é que aproveita tudo, por que nem os nomes dos

auctores precisam menção, nem os livros carecem louvores. Basta dizer-se que se publicaram, para os compradores affluirem, e as melhores livrarias os reclamarem. Julgo, portanto, que o pouco espaço que hoje me resta, e que seria limitadissimo para aventurar a mais leve apreciação de qualquer d'esses bellos volumes, julgo, repito, que esse espaço devo consagral-o ás tentativas litterarias das novas vocações. A estas deve-se animação e estímulo. Se as não fortalecerem, se as não coadjuvarem, talvez esmoreçam, talvez se annulem, e talvez a litteratura nacional, fique privada, no futuro, de valiosos commettimentos. Não falta por ahi, quem de prima e disconsidere os que trabalham.

Os criticos sem obras abundam, os aristarchos analphabetos surgem a cada instante. Da manhã para a tarde forma-se um critico, e este critico é quasi sempre um rabiscador infeliz que esperava o titulo de homem de letras, mas a quem a magra e rachitica intelligencia, negou a regalia. Convencido de que era incapaz de exercer o posto de soldado raso na cruzada litteraria, vai-se alistar na tribu dos aventureiros, e consola-se de sua obscuridade, apedrejando as reputações legitimamente conquistadas. Sigam, porém, as vocações nascentes o meu exemplo, desprezem-n'os e prosigam na carreira. Quebrar a penna, era fazer-lhes a vontade.

Adiante.

Folhearei antes o romance intitulado *Providencia*, pelo sr. Augusto Sarmento. É o primeiro ensaio n'este genero, declara-o o auctor nas linhas com que fechá uma longa e bem elaborada introdução. Dou-lhe, pois, desde já os parabens pelo ensaio que é o mais lisongeiro possivel. Revela inquestionavelmente tendencia para um genero pouco vulgar entre nós, e em que promette alcançar um nome, continuando a cultivar o genero com esmero. A maioria dos caracteres estão bem traçados e a linguagem que fallam é natural e portugueza. Não direi que ha muita imaginação na urdida geral da obra, mas prende todavia o interesse e captiva a atenção do leitor. Tambem se não recommenda pela novidade da acção, nem pelo orginalidade dos rasgos e peripecias que a matizam; mas soube resgatar, pelos mimos da descripção, pela elevação da phrase e pelo sentimento, a ausencia d'essas qualidades. Depois o auctor não se limitou a apresentar um quadro dramatico, quiz tambem retratar uma epocha proxima, mas importante da nossa historia. Por isso o auctor diz no começo do seu livro: «Classificar isto n'um certo e determinado genero de litteratura, á fé que não sei eu, nem tão pouco me dá grande cuidado. Chamem-lhe o que quizerem; para mim será simplesmente a impressão do sentir dos meus vinte e cinco annos.

Temos visto todas as questões da humanidade emaranharem-se em peripécias, agitarem-se em dialogos mais ou menos naturaes, incarnarem finalmente nos moldes do romance e serem apreciados por leitores que dormiriam a somno solto sobre a primeira pagina d'um tractado ácerca da especialidade. Eu que queria ser lido, ataviei com garridices romanticas isto, que não é mais que uma idéa presa accidentalmente a uma idéa politica.»

O que é facil profetisar ao sr. Augusto Sarmento, é uma boa e futura reputação de estylista, porque no seu livro ha paginas que já o recommendam e singularisam. Rematarei dizendo-lhe que fico esperando ancioso a segunda tentativa, que de certo ha de confirmar as esperanças que nos despertou a sua bella estréa.

O sr. J. M. Pereira Rodrigues, vocação modesta e estudiosa, também me prendeu com um volume dos seus *Ensaios litterarios*. É uma especie de album em que reunio os seus mais esmerados trabalhos, e que agrada pela variedade dos assumptos, pela singeleza da narrativa e pelo despretencioso da forma. Contém impressões fugitivas de uma rapida viagem, biographias de artistas notaveis, uma nota a *Lyra* aos Fastos de Ovidio, do nosso grande poeta Castilho, e um artigo humouristico sobre o Passeio Publico. A gratidão ao bom acolhimento que obteve em toda a imprensa dia-ria, deve obrigar-o a proseguir na carreira que encetou.

Um *Misterio de Familia*, é um drama em 3 actos com que me brindou o sr. João Franklin da Silveira Tavora, escriptor brasileiro. Deixou-me excellente impressão a sua leitura. Ha evidentemente muito engenho dramatico no auctor. Os lances estão habilmente preparados, e acção naturalmente conduzida até ao desenlace que é pathetico e de bom effeito. No desenho dos caracteres é que não ha ainda aquella firmeza que só o tempo e o estudo adquirem. Mas este defeito e alguns mais que seria facil notar, estão compensados por muitas bellezas.

Receba, pois, o collega os meus sinceros louvores.

ERNESTO BIESTER